

# MUSEU CASA DA HERA



Museu  
Casa da  
Hera

ibram  
instituto brasileiro de museus

CINTHIA ROCHA  
DANIELE DE SÁ ALVES  
ENEIDA QUEIROZ

**MUSEU CASA DA HERA**

COLEÇÃO MUSEUS DO IBRAM

1ª EDIÇÃO

BRASÍLIA  
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS  
2015

**Presidenta da República**

Dilma Rousseff

**Ministro da Cultura**

Juca Ferreira

**Presidente do Instituto Brasileiro de Museus**

Carlos Roberto F. Brandão

**Chefe de Gabinete do Instituto Brasileiro de Museus**

Marcos Mantoan

**Diretora do Departamento de Processos Museais**

Manuelina Maria Duarte Cândido

**Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus**

Encida Braga Rocha de Lemos

**Diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Interna**

Valeria Grilanda Rodrigues Paiva

**Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal**

Rose Moreira de Miranda

**Procuradora-chefe**

Eliana Alves de Almeida Sartori

# MUSEU CASA DA HERA



## Coleção Museus do IBRAM

### Projeto editorial

Cláudia Storino

### Supervisão Museológica

Mário Chagas

### Coordenação Editorial

Álvaro Marins e Sandro dos Santos Gomes

### Redação e Pesquisa Iconográfica

Eneida Queiroz, Daniele de Sá Alves e Cinthia Rocha

### Equipe Editorial

Adriene do Socorro Chagas, André Amud Botelho, Sandro dos Santos Gomes, Vitor Rogério Oliveira Rocha

### Estagiária

Sabrina Soares Beserra

### Revisão

Marcia Regina Lopes

### Projeto Gráfico

Casa 8, Gustavo Sousa

### Diagramação e Paginação

Isabela Borsani e Gustavo Sousa

### Diretor do Museu Casa da Hera

Marco Antonio Xavier

### Equipe técnica do Museu Casa da Hera

Aline Bougleux Torres (Museóloga), Carla Teixeira (Educadora), Célio Ferreira (Auxiliar de Segurança), Cirom Duarte e Alves (Chefe de Serviço), Luciana Leopoldino (Administradora) e Mariana Santos Souza (Museóloga).

### Endereço

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM  
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 08, Bloco N, 13o andar.  
Brasília/DF  
CEP: 70040-020

Telefone: + 55 (61) 3521-4420

www.museus.gov.br

159	Instituto Brasileiro de Museus. Museu Casa da Hera / Eneida Queiroz, Daniele de Sá Alves, Cinthia Rocha – Brasília, DF: Ibram, 2014.  p. 110 : il. ; 14 cm. – (Coleção Museus dos Ibram)  ISBN: 978-85-63078-40-7  1. Museus. 2. Eufrásia Teixeira Leite. 3. Brasil – Império.  I. Instituto Brasileiro de Museus. II. Museu Casa da Hera. III. Eneida Queiroz. IV. Daniele de Sá Alves. V. Cinthia Rocha. VI. Título.  CDD 069
-----	--

Ficha elaborada pelos Centro Nacional de Estudos e Documentação da Museologia em 03/07/2014.

## APRESENTAÇÃO: MUSEU CASA DA HERA

É com entusiasmo que apresentamos ao público o terceiro volume da Coleção Museus do Ibram. Depois do Museu de Arqueologia de Itaipu e do Museu Casa de Benjamin Constant, debruçamo-nos agora sobre o Museu Casa da Hera. Também localizada no estado do Rio de Janeiro, no município de Vassouras, a Casa da Hera faz um apelo singular aos seus visitantes. Convida-os a se entregarem a uma viagem ao século XIX e ao ciclo do café, tudo isso na companhia da principal personagem do museu: Eufrásia Teixeira Leite.

O Museu Casa da Hera lança um olhar sobre a história do café no Vale do Paraíba do Sul por meio da memória da família Teixeira Leite e do legado de Eufrásia. O casarão abastado que acolhe o museu compartilha o modo de viver dos oitocentos, integrando a reservada vida íntima familiar à vida em sociedade. É o cotidiano dos barões do Segundo Reinado que se musealiza na linda chácara, outrora também local de lucrativos negócios e de requintados saraus. É a biografia da anfitriã que se deixa ler nos vários cômodos da residência.

Eufrásia legou ao patrimônio cultural dos brasileiros um acervo significativo. Mas, para além da família Teixeira Leite, o Museu Casa da Hera assegura a Vassouras a salvaguarda da memória da cidade e da região. Ao mesmo tempo, por meio de um diálogo enriquecedor, recupera trechos importantes da história do país. O café, a escravidão, a luta abolicionista, a vida no vale do grande rio paulista, fluminense e mineiro, a crise do Império e a vida de uma mulher à frente de seu tempo fazem da Casa da Hera uma referência no cenário dos museus brasileiros, como o demonstra a presente publicação.

**Carlos Roberto F. Brandão**

PRESIDENTE DO IBRAM/MINC

## PALAVRA DA DIREÇÃO

Museus são reconhecidos e definidos pela preservação de um acervo que retrate, de alguma maneira, as formas de o ser humano se relacionar com o mundo, mas também devem estar a serviço da produção do conhecimento, da fruição cultural, da contemplação estética e do lazer, além de pesquisar, de interpretar e de comunicar ao público suas coleções. Aparentemente simples, essas tarefas demandam muito trabalho e aprimoramento por parte das equipes dos museus, todas envolvidas no permanente aperfeiçoamento e funcionamento destas instituições. Nosso trabalho com o público – e para ele – busca não só o visitante extemporâneo, mas também a comunidade onde o museu se insere.

Com efeito, a história do Museu Casa da Hera remonta ao século XIX. A residência já aparecia na planta da cidade de Vassouras desde 1836. No ano de 1843, o casal Ana Esméria e Joaquim José Teixeira Leite adquiriram a propriedade, que sofreu algumas reformas e expansões. Joaquim José não era fazendeiro, mas comissário de café, responsável pelas transações comerciais e empréstimos que financiavam o “ouro verde”, adquirindo grande fortuna. A hera, que cobre toda a fachada do museu, só foi plantada em 1887, por ideia do caseiro Manoel da Silva Rebello, escravo alforriado. Muito mais tarde a casa passou a ser conhecida por esta característica marcante.

Ali, no casarão de Vassouras, nasceram e viveram as filhas Francisca e Eufrásia, até a morte dos pais, no início dos anos 1870. As duas herdeiras, jovens e solteiras, resolveram se mudar para Paris, cidade que passava por uma série de mudanças, pura efervescência. Mas foi Eufrásia, mulher à frente de seu tempo, quem se destacou como gestora de negócios e financista, multiplicando a já enorme fortuna que herdara, mas mantendo as propriedades no Brasil.

Por alguma razão pessoal, Eufrásia - que morreu solteira e sem descendentes - determinou em seu testamento que *“o legatário será obrigado a conservar a casa de morada e tudo que nela existir no mesmo estado em que se encontrarem quando for recebido o legado, não podendo habitar ou ocupar, nem permitir que outros ocupem a casa dita, e não podendo utilizarem, nem permitir que outros se utilizem, dos móveis, objetos, louças, livros, quadros e utensílios existentes na casa da mencionada chácara”*. É como se a casa tivesse “parado no tempo”, em algum momento do final do século XIX.

Complementando este desejo de preservar a casa, a propriedade se tornou, em 1952, Patrimônio Histórico Nacional e depois Museu Casa da Hera, nos idos de 1968. Em 2009, o IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, ligado ao Ministério da Cultura, assumiu a gestão e manutenção do MCH.

De fato, podemos pensar que todos nós, de certa forma, também somos “herdeiros” de Eufrásia. Por meio da visitação ao museu podemos tomar contato com um Brasil de opulência e refinamento, mas também, pelas entrelinhas desta história, de escravidão e nobiliarquia.

Nós, servidores e terceirizados do Museu Casa da Hera, esperamos que, de alguma maneira, a visita ao museu seja uma experiência marcante, que leve todos os que circulem pelos salões e cômodos da casa e passeiem entre as árvores da chácara a refletirem sobre a nossa história e sobre o porquê e para quem estamos preservando este patrimônio.

**Marco Antonio Xavier**

DIRETOR DO MUSEU CASA DA HERA

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
O CAFÉ E A ECONOMIA BRASILEIRA NO IMPÉRIO	17
HISTÓRIA DE VASSOURAS E DA FAMÍLIA TEIXEIRA LEITE	28
EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE E O PAPEL FEMININO NO SÉC. XIX	34
EUFRÁSIA E NABUCO: PARA ALÉM DE UM AMOR, UMA REALIDADE ECONÔMICA POLÍTICA E SOCIAL DO SÉCULO XIX	46
O MUSEU	67
ACERVO MUSEOLÓGICO	80
SERVIÇOS DO MUSEU	90
VISITAÇÃO DO MUSEU CASA DA HERA	98
SAIBA MAIS	99
OBSERVAÇÕES FINAIS	106
BIBLIOGRAFIA	108



VISÃO PARTICULAR DA CASA DA HERA em desenho de Sergio Lima, artista que inaugurou o espaço de exposições temporárias do Museu em 2011, com a exposição “Vassouras, o olhar de um artista”.





Sylvana Lobo / IBERAM

A CASA DA FAMÍLIA TEIXEIRA LEITE em sua chácara. A hera é o grande patrimônio simbólico do local, e dela a residência recebe seu nome: Casa da Hera.

## INTRODUÇÃO

Um testamento, uma herança equivalente a quase duas toneladas de ouro e a última vontade de uma mulher: a preservação da casa de seus pais. Esses foram os primeiros passos da história de transformação da Casa da Hera em um museu; uma casa que já guardava muitos passos de história. No piso de madeira pinho de riga e jacarandá dos cômodos e no chão de terra batida do quintal, pisaram escravos, empregados domésticos alforriados, barões do café, banqueiros, políticos do Império, senhoritas que sonhavam casar, possíveis caçadores de dotes e pretendentes apaixonados.

Fruto da nostalgia de uma mulher que tinha apreço por construções históricas e desejava preservar sua história familiar e pessoal, essa casa senhorial na cidade de Vassouras é testemunho da expansão do café pelo Vale do Paraíba. Seu auge e seu declínio é parte significativa da história da escravidão no Brasil, da história do fortalecimento do Segundo Reinado e do florescer do capitalismo no país. Por ter sido uma propriedade particular, é também parte da história de uma família, os Teixeira Leite, e particularmente parte de uma história de emancipação feminina proporcionada pela independência econômica: a vida extraordinária de Eufrásia Teixeira Leite.





Cleber Moraes

CASA DA HERA, fachada frontal e fachada lateral.

Conheça a casa, a chácara, o museu, seu acervo, e suas relações com os elementos que formaram a base da história brasileira do século XIX: a monocultura, o latifúndio e a escravidão. Visite o Museu Casa da Hera.

## O CAFÉ E A ECONOMIA BRASILEIRA NO IMPÉRIO

### BREVE HISTÓRICO DA SITUAÇÃO ECONÔMICA ANTES DA ASCENSÃO DO CAFÉ

**B**rasil, início do século XIX: a colônia mais próspera de Portugal amargava uma estagnação econômica. Não chegava a ser uma crise, mas para uma região que cinquenta anos antes atingira o auge de produção e exportação de ouro, vivenciar a inegável exaustão das minas, o aumento da concorrência do açúcar antilhano e europeu e a concorrência do algodão americano, criava uma sensação de estagnação. Ao Brasil, cuja economia se baseava majoritariamente na agroexportação, faltava um produto forte, com o preço em alta no comércio internacional.

No Primeiro Reinado, apenas a produção do café elevava-se, mas esse ainda não era o principal produto da pauta de exportação, figurava no terceiro lugar, atrás do açúcar e do algodão.

Ciente da gravidade do problema econômico que o país vivia, o visitante do Museu Casa da Hera poderá arregalar os olhos, como fizeram os homens do século XIX, diante do fenômeno que florescia

às suas vistas, do qual o museu é testemunha: um grão escuro, que produzia uma bebida de sobremesa, gradativamente tinha seu preço em ascensão no mercado internacional e estava se adaptando muito bem às terras do Vale do Paraíba fluminense.

### O PLANTIO DO CAFÉ E SUA EXPANSÃO PELO VALE DO PARAÍBA

Na província do Rio de Janeiro, as mudas de café foram trazidas em 1760. O café era plantado nas encostas dos bairros de Santa Teresa e da Tijuca, e também se misturou a pequenos cultivos de pomares e hortas dos arredores da capital. Acredita-se que a planta tenha chegado ao vale do Rio Paraíba, no centro-sul da província do Rio de Janeiro, entre o final do século XVIII e princípio do século XIX. Embora o cultivo do café seja uma atividade de paciência, pois se espera alguns anos para que a planta dê as primeiras sementes, os pioneiros desse cultivo na região perceberam a produtividade do solo nas primeiras colheitas. Após a demorada primeira florada das plantas, a colheita se tornou anual.

A notícia da boa oportunidade de negócio se espalhou. No entanto, apenas pessoas com posses teriam capital para iniciar o empreendimento. Eram necessários escravos e capital para derrubar a mata

nativa, ou converter produções antigas para a cafeicultura; preparar a terra; fazer o plantio e as instalações, como a casa grande, as senzalas e o pátio para a secagem das sementes. Antigos engenhos de açúcar da região do Vale resolveram substituir a cana pelo café e, assim, pouco a pouco, o café venceu engenhos, plantios de algodão, de anil e criações de porcos. Mineradores e fazendeiros de Minas Gerais migraram com seus escravos para a região do Vale. O historiador Stanley Stein afirma que comerciantes e militares de alta patentes também migraram para a região. As áreas hoje conhecidas como Barra Mansa, Resende, Conservatória, Paty do Alferes, Valença, Vassouras, entre outras, foram ocupadas por cafezais e pequenas vilas, que cresceram muito rápido com o capital gerado pelo café.

No início do século XIX – além da compra, da herança e dos dotes –, os cafeicultores costumavam adquirir novas terras por um procedimento bastante corriqueiro: a tomada de posse de terras devolutas. Essas terras devolutas eram aquelas ditas “sem registro de dono”, onde havia apenas a mata virgem para derrubar e começar a plantar. Quando a maior parte dessas terras foi tomada, as demais que já tinham donos passaram a ser objeto de disputa, prevalecendo a lei do mais forte. Havia uma total indefinição dos limites legais das propriedades

e, com frequência, pequenos posseiros com poucos escravos ou pouca munição se viram vencidos por desalojamentos forçados ou violências maiores. A Lei de Terras, de 1850, tentou inibir esse processo de tomada de terras devolutas, proibindo o acesso a terra por outro meio que não a compra.

À princípio, o plantio do café era feito com o uso de mudas plantadas sem alinhamento. Intercalavam-se as culturas de feijão, milho e mandioca nos intervalos de terras entre os cafeeiros. Essa prática proporcionava sombra às mudas e fornecia comida ao proprietário da terra e seus escravos, que esperavam alguns anos pela maturação da planta. As fazendas seguiam o mesmo padrão da *plantation* comum do período colonial: latifúndios, com mão-de-obra escrava e uso extensivo da terra. Não havia preocupação com a degradação do solo ou aumento de produtividade do arbusto: a produção aumentava com o plantio de novas mudas em novas terras. Por essa razão, a riqueza do Vale do Paraíba foi intensa, porém muito breve.

Além dos fazendeiros, também havia os comissários do café – como o antigo proprietário da Casa da Hera, Joaquim José Teixeira Leite – que os eram intermediários entre os produtores de grãos e os exportadores. Os comissários trabalhavam no início de todo o

Martha Maria Grabner Reymundo



RAMO DE CAFÉ MADURO. O cafeeiro, planta originária do noroeste da África e difundida pelos países Árabes, foi introduzido no Brasil no ano de 1727. O sargento Francisco de Melo Palheta plantou mudas de café no Pará, originárias de uma única muda trazida clandestinamente da Guiana Francesa. Essa experiência inaugural representa os primeiros aprendizados sobre a planta no país.

processo, ao fornecer capital para os fazendeiros iniciarem a plantação ou aumentarem-na, e também ao final do processo, negociando a venda dos grãos aos exportadores. Muitos comissários tornaram-se banqueiros ao avançar no empréstimo de capitais aos fazendeiros, dos quais costumavam ser parentes. Alguns filhos de fazendeiros enveredavam para o lado do plantio, enquanto outros seguiam para o lado do fomento capitalista ao plantio. Também era comum que comissários se casassem com filhas de fazendeiros. Foi o caso de Joaquim José Teixeira Leite, comissário que se casou com a filha de um grande barão do café, Ana Esméria Pontes França (da família Corrêa e Castro). Tudo em família, do brotar da semente à armazenagem nos porões dos navios, a renda desses clãs cresceu assombrosamente, o que influenciou na importância política que alcançaram no Império.

A primeira fase de expansão cafeeira no Vale do Paraíba realizou-se, como afirmou Celso Furtado, com base em recursos preexistentes e subutilizados (como a mão de obra escrava trazida de outras regiões do Brasil que enfrentavam estagnação econômica – prática conhecida como tráfico interno de escravos – e o uso de algumas antigas fazendas em decadência na região). Porém, com a contínua expansão da produção, a mão de obra passou a ficar escassa.

Assim, a oferta interna de mão de obra passou a não atender plenamente a demanda que crescia. Dessa forma, o tráfico Atlântico aumentou enormemente entre as décadas de 1830 e 1850, ano em que foi definitivamente proibido pela lei Eusébio de Queiros. Embora tenha havido uma expansão no número de escravos, a questão da mão de obra era problema para os senhores que desejavam manter o empreendimento comercial, principalmente após 1850. O simples crescimento vegetativo da população cativa (crianças nascidas de mães escravas em solo brasileiro) não supriria as demandas das fazendas. O tema da imigração começava a ganhar força, mas nem todos os fazendeiros foram favoráveis à ideia, principalmente os senhores do Vale do Paraíba fluminense. A economia cafeeira fluminense, portanto, foi responsável pelo fortalecimento e manutenção do regime de trabalho escravo durante a segunda metade do século XIX.

Se a mão de obra era fator escasso, a terra era um fator de produção abundante. As plantações ultrapassavam as fronteiras da província e avançavam para os lados mineiro e paulista do Vale, alcançando a região onde mais sucesso obteve - o Oeste Paulista.

Em 1838, o café passou a ocupar o primeiro lugar na pauta de exportações do Brasil, representando 40% do valor do conjunto das exportações. Nessa época, o café ainda não havia dominado o Oeste

Paulista, sendo a região do Vale do Paraíba responsável por essa produção abundante. Na década de 1840, o Brasil se tornou o maior produtor mundial de café. Em meados do século XIX, as plantações alcançaram o Centro e o Oeste Paulista e lá encontraram o solo de “terra roxa”, aumentando a produtividade do cafeeiro. Dessa forma, nas décadas de 1870 e 1880, mesmo com a visível decadência da produtividade do Vale do Paraíba fluminense, por causa da degradação do solo, o café passou a representar até 56% do valor das exportações. No final do século XIX, o café representava 65% do valor das exportações do país, chegando a 70% na década de 1920, sendo o estado de São Paulo responsável pela maior parte dessa produção.

Assim, quando o visitante do Museu Casa da Hera pensar em qual atividade econômica propiciou acumulação de capital necessária para implantar as primeiras ferrovias do país, as primeiras indústrias, os bondes elétricos, as grandes cidades com seus automóveis e arranha-céus, lembrar-se-á da escravidão, da tranqüila cidade de Vassouras, do café que toma após o almoço, de cidades paulistas como Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, Marília e inúmeras outras. E dentro do Museu Casa da Hera, ao olhar para os desenhos de folhas de café no papel de parede do Salão Comercial, para o raro piano Henri Herz no salão de

música ou para qualquer outro espaço do museu, o visitante poderá imaginar todo o luxo, a audácia, o pioneirismo e o cálculo dos senhores, assim como todo o esforço e o sofrimento dos escravos e dos imigrantes que trabalharam na expansão cafeeira no Sudeste do Brasil, ao longo do século XIX.

#### ○ FLORESCEM DO CAPITALISMO EM SOLO BRASILEIRO

Pode-se dizer que o capitalismo brasileiro “floresceu” no século XIX, porque brotou com o café. A acumulação do capital, necessária para financiar os empreendimentos de infra-estrutura e de produção industrial, foi arrancada da terra por mãos negras e imigrantes, que trabalhavam para algumas famílias dominantes nas regiões produtoras do grão.

A influência econômica e política dos Corrêa e Castro, dos Ribeiro de Avellar (e também os Avellar Almeida), dos Lacerda Werneck, dos Leite Ribeiro, dos Teixeira, e dos Teixeira Leite se estendia por grande parte do Vale do Paraíba fluminense. Não raro, membros dessas famílias se uniam em verdadeiros “casamentos dinásticos”, que embaralhavam a ordem dos sobrenomes, mas multiplicavam terras e riquezas. Em Vassouras, os Teixeira Leite e seus contraparentes se alternavam na presidência da Câmara de Vassouras. O primeiro presidente, assim

que Vassouras ascendeu à condição de vila em 1833, foi Laureano Corrêa e Castro, o Barão de Campo Belo, sogro de Joaquim José Teixeira Leite.

Joaquim José Teixeira Leite – o então proprietário da Casa da Hera – foi bacharel em direito, deputado, presidente da Câmara de Vassouras e até vice-presidente da Província do Rio de Janeiro. Havia uma clara tentativa de subordinação dos instrumentos políticos da Corte aos interesses econômicos da região cafeeira. Assim, os cafeicultores e comissários tentavam influenciar as decisões políticas para beneficiar seus negócios, como ficou patente na luta que travaram para construir uma estrada de ferro na região.

Portanto, se em 1854 o Barão de Mauá inaugurava uma ferrovia que ligava a cidade do Rio de Janeiro a Petrópolis, os cafeicultores do Vale do Paraíba também se organizavam para construir uma ferrovia que escoasse sua produção aos portos do Rio. Os irmãos Teixeira Leite pagaram engenheiros estrangeiros para que fizessem o reconhecimento do terreno e uma planta da futura ferrovia. Em 1855, foi assinado o contrato para a construção da ferrovia que ligaria o Rio de

## “A mim se deve o progresso do Brasil”

Divisa do brasão de Vassouras

Janeiro ao Vale do Paraíba, empreendimento pelo qual Joaquim José Teixeira Leite muito lutou. O engenheiro responsável pela obra era o inglês Edward Price. Foi criada, então, a Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II, cujo trecho Estação da Aclamação (na cidade do Rio de Janeiro) – Estação Queimados, no interior do Estado, foi inaugurado em 1858. Em 1864, a ferrovia chegou ao Vale do Paraíba fluminense. Com a Proclamação da República, em 1889, a estrada de ferro teve seu nome modificado para Estrada de Ferro Central do Brasil, que conseguiu unir o Rio de Janeiro às ferrovias de São Paulo, formando o eixo comercial mais próspero do país por muitas décadas.

Pode-se dizer que a ferrovia chegou ao Vale do Paraíba fluminense quando a produção cafeeira começava a cair, mas os trilhos alcançaram São Paulo no período de ascensão da produção cafeeira nesse estado, produzindo uma riqueza incalculável.

## HISTÓRIA DE VASSOURAS E DA FAMÍLIA TEIXEIRA LEITE

No século XVIII, a localidade era conhecida como Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito, concedida ao açoriano Francisco Rodrigues Alves. Segundo informações da prefeitura de Vassouras, no ano de 1792, o próprio Francisco Rodrigues já começava a plantar cafezais em suas terras, ainda que em pequena quantidade para abastecer somente sua família.

Apenas em 1821, quando o café já começava a dar bom retorno financeiro à região e aos pioneiros do plantio, foi criada uma vila: a Vila de Paty do Alferes, da qual o povoado de Vassouras fazia parte. O clima e a topografia da região eram perfeitos para o cultivo da planta, e Vassouras destacava-se, a ponto de também ser promovida à condição de vila em decreto de 1833, quando transferiram a Câmara de Paty do Alferes para Vassouras. O sucesso do café foi tão grande que, em poucas décadas, Vassouras foi elevada à categoria de cidade, precisamente no dia 29 de setembro de 1857.

A família Teixeira Leite começou a criar raízes em Vassouras nos primórdios da expansão cafeeira no Vale do Paraíba fluminense.

Foto: Daniela de Sá Alves / Acervo Museu Casa da Hera



BARÃO DE ITAMBÉ, pintura a óleo, autor desconhecido, século XIX. Francisco José Teixeira, pai dos primeiros Teixeira Leite que migraram para a região do Vale do Paraíba fluminense. Nascido e criado em Minas Gerais, Francisco também migrou para Vassouras e tornou-se barão do café.

Foto: Daniela de Sá Alves / Acervo Museu Casa da Hera



BARONESA DE ITAMBÉ, pintura a óleo, autor desconhecido, século XIX. Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro, esposa do Barão de Itambé e irmã do coronel Custódio Ferreira Leite, que levou os sobrinhos para ajudá-lo na abertura da Estrada da Polícia.



BARÃO DE VASSOURAS, fotografia de Pacheco Phot, segunda metade do século XIX. Francisco José Teixeira Leite, um dos mais famosos e bem sucedidos irmãos Teixeira Leite. Irmão de Joaquim José – o ex-dono da casa da Hera – Francisco foi tio de Eufrásia e dono da Fazenda Cachoeira Grande, que chegou a ter 147 escravos. Cafeicultor, escravagista e ligado ao Partido Conservador: um típico barão de café do Vale do Paraíba fluminense.



Reprodução fotográfica do Museu Casa da Hera/Acervo Museu Casa da Hera

Francisco José Teixeira, originário da região de Nossa Senhora de Conceição da Barra (localidade de Minas Gerais subordinada à Vila de São João del Rey), teve onze filhos com Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro. Herdando o “Teixeira” do pai e o “Leite” da mãe, sete desses onze filhos foram os primeiros Teixeira Leite da região.

O irmão de Francisca, Custódio Ferreira Leite, pediu à irmã para

levar consigo os sobrinhos já adultos para a região do Vale do Paraíba fluminense, a fim de promover um empreendimento: ajudar a abrir a Mata Atlântica, para construir uma nova estrada que ligasse Minas Gerais ao Rio de Janeiro, a Estrada da Polícia. Essa estrada foi aberta por ordem de Dom João VI, aproximadamente entre 1816 e 1820, pela Intendência de Polícia do Rio de Janeiro e teve o militar Custódio Ferreira Leite como um de seus principais promotores. Custódio levou consigo quatro sobrinhos: José Eugênio Teixeira Leite, Francisco José Teixeira Leite, João Evangelista Teixeira Leite, Antônio Carlos Teixeira Leite. Outro sobrinho, o rapaz Joaquim José Teixeira Leite, não foi com o tio na primeira leva, pois a família enviou-o para São Paulo a fim de estudar na faculdade de direito. Os mais novos, Carlos Teixeira Leite e Custódio Teixeira Leite, também se mudaram para Vassouras anos mais tarde.

Eles não se detiveram apenas na abertura da estrada, também adquiriram terras, escravos e mudas de café. Esse processo se assemelhou muito ao que já havia ocorrido na abertura de outras estradas. Como afirma Márcia Motta, a abertura do Caminho Novo para Minas Gerais, liderado pelo bandeirante Garcia Rodrigues Paes ainda na passagem do século XVII para o XVIII, iniciou um processo de disputa

pelas terras localizadas ao longo de seu percurso, muitas das quais se tornaram posse de parentes do bandeirante Garcia. De maneira similar, os irmãos Teixeira Leite se dispersaram pela região do Médio Paraíba, abriram muitas fazendas e, com o tempo, todos os Teixeira Leite acabaram se fixando em Vassouras.

Depois de algumas décadas de esforço e sucesso, quando já haviam adquirido grande riqueza e cabelos brancos, o tio Custódio ganhou o título de Barão de Ayuruoca; o sobrinho Francisco José, com sua fazenda Cachoeira Grande, o título de Barão de Vassouras; o sobrinho Joaquim José (formado em direito) transformou-se em um próspero comissário do café e recebeu a designação de Comendador; e até o pai dos rapazes, que algum tempo após a migração dos filhos também se transferiu para Vassouras, ganhou o título de Barão de Itambé. Esse processo de enobrecimento da família tem íntima relação com o grande aumento da renda nacional gerado pela exportação do café, que fortaleceu o Estado monárquico. Portanto, as terras do Vale do Paraíba sustentaram as finanças do Segundo Reinado por décadas, o que lhes rendeu títulos de nobreza.

Além de observarmos todos esses importantes personagens da família Teixeira Leite, que nos despertam admiração por sua riqueza

e sucesso, é essencial que nos lembremos daqueles que ergueram as paredes dessa casa, limpavam e cuidaram de cada cômodo: foram os alicerces dessa família, dessa riqueza e dessa casa. Eles foram personagens ativos da história, como Manoel da Silva Rebello, o caseiro que plantou a hera nas antigas paredes brancas da chácara; como Cecília Bonfim, mucama de Eufrásia que seguiu o exemplo da patroa e também deixou sua herança aos pobres; como o ex-escravo Ramiro Bonfim, pai de Cecília, que por anos dedicados a servir a família, recebeu uma casa da herança de Eufrásia; como os negros Herculano e Francisco Vicente, que sempre viveram na chácara e contribuíram para preservá-la. O Museu Casa da Hera preserva e difunde a memória de uma rica família herdeira da cafeicultura fluminense, mas também valoriza a história dos escravos da região do Vale do Paraíba, como a memória de Manoel Congo, que conheceremos mais adiante.

## EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE E O PAPEL FEMININO NO SÉCULO XIX

Por muitos séculos, as mulheres estiveram destinadas a um papel secundário na sociedade, como observado no ensaio “Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite, uma análise de gênero”, de Miridan Falci e Hildete de Melo. As mulheres formavam uma categoria de análise quase invisível para os historiadores de sua época. Isso se deve ao fato de, até as primeiras décadas do século XX, a história tradicional ter se detido a anotar e salvar para a posteridade apenas os acontecimentos históricos promovidos por figuras ilustres, como generais, estadistas ou religiosos: sempre homens. Era uma história de viés mais político, pois narrava os fenômenos nacionais, como guerras, independências, nascimentos e mortes de reis ou presidentes, golpes de estado, etc. Maximizava a importância do ato histórico factual, como um grito do Ipiranga, desconsiderando a estrutura: as mudanças econômicas e sociais ocorridas a longo prazo. Era, portanto, um narrar histórico que quase desconsiderava o fazer histórico de serviçais, escravos, homens livres pobres, mulheres tanto ricas quanto pobres, crianças, velhos, e até o viés econômico e social no qual viviam os únicos personagens

Reprodução fotográfica de Daniele de Sá Alves / Acervo do Museu Casa da Hera



EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE aos 37 anos de idade, pintura a óleo de Carolus Duran, França, 1887. Retratada em um vestido de baile com decote de festa, envolta em um casaco de pele, sobre um fundo vermelho. Além do talento para as atividades financeiras, Eufrásia também foi famosa por sua beleza e elegância.

ilustres retratados. A partir da década de 1920, iniciou-se o movimento de dar voz aos anteriormente ignorados pela história tradicional, entre eles as mulheres.

Como mulher branca do século XIX, rica e de família influente, era esperado que Eufrásia Teixeira Leite tivesse algum estudo – mas não muito –, que fosse religiosa, que tivesse algumas prendas ao piano ou no bordado, que se casasse com um rapaz de futuro promissor – fazendeiro ou bacharel que administrasse a fortuna da esposa – com quem pudesse ter filhos. Se Eufrásia tivesse sido o que dela era esperado, provavelmente teria sido mais uma Teixeira Leite na árvore genealógica da família, mais um galho com suas ramificações.

No entanto, Eufrásia foi um ponto fora da curva. Um galho que, embora sem ramificações, plantou sementes eternas na história de Vassouras. Para a cidade, Eufrásia trouxe inúmeras benfeitorias, como hospital, escola, terrenos. Para o Museu Casa da Hera, Eufrásia é uma de suas personagens mais importantes, pois foi ela quem decretou em testamento a preservação da casa na qual viveu. Como quem impede a morte da história dos pais, e de sua própria história, Eufrásia teve recursos financeiros e recursos de poder para tornar-se inesquecível. Como se sabe, poder e memória são irmãos inseparáveis. Vamos, então, conhecer um pouco da trajetória tão incomum de Eufrásia Teixeira Leite.

## PAI E FILHAS

O pai de Eufrásia era o comissário de café Joaquim José Teixeira Leite, um dos onze filhos dos barões de Itambé e sobrinho do Barão de Ayuruoca. Joaquim foi justamente o rapaz que não seguiu o tio no início da saga da família Teixeira Leite, pois fora mandado a São Paulo para formar-se em direito. Estudado, Joaquim tornou-se um intelectual com uma biblioteca de quase mil volumes, um fenômeno raro no século XIX.

A fortuna de Joaquim formava-se sobre os juros de seus empréstimos para o fomento das fazendas de café, transporte e exportação dos grãos. A família tinha uma empresa de exportação de café na cidade do Rio de Janeiro, a Teixeira Leite e sobrinhos. Em Vassouras, Joaquim possuía uma espécie de banco do café, a Casa de Descontos. Era um capitalista do “agronegócio” oitocentista.

Ele próprio não investiu muitos recursos em fazendas, escravos e pés de café, como outros da família. Sua ação era majoritariamente financeira, ainda que umbilicalmente relacionada à venda de café de conhecidos e familiares. Como era comum aos comissários, casou-se com a filha de um grande fazendeiro. O casamento ocorreu em 1843, e a noiva era Ana Esméria Pontes França, filha de um dos maiores

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA LEITE e sua esposa Ana Esméria – pais de Eufrásia –, fotografia, autor desconhecido, década de 1840. Filho de Francisco José Teixeira, o primeiro Barão de Itambé, e de Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro, o pai de Eufrásia presidiu a Câmara de Vassouras por onze anos e foi vice-presidente da província do Rio de Janeiro. Célebre comissário de café, acumulou grande fortuna.



Reprodução fotográfica do Museu Casa da Hera / Acervo Museu Casa da Hera



Reprodução fotográfica do Museu Casa da Hera / Acervo Museu Casa da Hera

ANA ESMÉRIA TEIXEIRA LEITE, mãe de Eufrásia. Ana Esméria era filha de um dos maiores cafeicultores da região, o senhor Laureano Corrêa e Castro, Barão de Campo Belo, dono da belíssima Fazenda do Secretário, em Vassouras. Após seu casamento, a residência da família tornou-se palco de homens e mulheres ilustres da época, onde não só se discutiam finanças e política, mas também se realizavam festas e saraus.

cafeicultores da região, Laureano Corrêa e Castro, coronel que saiu de Minas Gerais, investiu no café e conseguiu o título de Barão de Campo Belo. Laureano era dono de uma das fazendas mais bonitas de Vassouras, a Fazenda do Secretário. A esposa de Laureano, Baronesa de Campo Belo, chamava-se Eufrásia Joaquina.

O casal Joaquim e Ana Esméria foi morar na casa que hoje é conhecida pelo nome de “Casa da Hera”. A hera, uma bela planta trepadeira que cobre paredes, porém, ainda não existia. Segundo o biógrafo Ernesto Catharino, o primeiro filho que tiveram foi um menino chamado Francisco, mas o bebê morreu pouco tempo após o nascimento.

Ana Esméria engravidou mais duas vezes, nascendo duas meninas: Francisca Bernardina Teixeira Leite, em 10 de dezembro de 1845 e Eufrásia Teixeira Leite, em 15 de abril de 1850. Na sociedade paternalista e machista do século XIX, um pai poderia sentir-se perdido nesta situação, pois um filho homem era alguém que daria continuidade ao sangue, ao nome e à herança financeira. Aos meninos costumava-se dar uma educação substancial, enquanto as meninas mergulhavam nos bordados, no preparo de doces, na igreja, na vigília do trabalho das escravas, no casamento e no cuidado com os filhos. Se fossem moças da elite, até poderiam aprender português, francês e piano, mas quase

nada saberiam de matemática, finanças ou legislação. Assim, o dinheiro de um pai de moças costumava passar para os genros, por meio dos dotes de casamento das filhas e posterior herança, já que elas não teriam preparo para administrar o espólio.

O que faria, então, um homem na situação do Dr. Joaquim? Certamente investiria na procura por um bom genro. Um rapaz ou um homem maduro de família conhecida, de posses, estudado, que não perdesse a fortuna do sogro e fosse amável com a esposa que dele dependia. Entretanto, os acontecimentos históricos que se seguiram indicam que Joaquim teria escolhido outro caminho. Uma hipótese seria de que muito da genialidade e do inusitado da vida de Eufrásia se deve à atitude do pai, o qual contrariando o hábito da época teria ensinado matemática financeira às filhas como se filhos homens fossem. É provável que a formação liberal de Joaquim tenha influenciado nessa criação diferenciada de Francisca e Eufrásia, tendo optado por munir as filhas dos conhecimentos necessários para serem plenamente independentes.

Na infância, Eufrásia estudou na escola de moças de Madame Gri-vet, que existia na localidade de Comércio, hoje Sebastião Lacerda, em Vassouras. Apesar do ensino diferenciado que provavelmente o pai lhe deu, a família não descuidou dos ensinamentos dados a uma

futura senhora da elite. Assim, Eufrásia aprendeu boas maneiras, a tocar piano e a falar francês. Enquanto alguns indícios levam a crer que a irmã Francisca tinha uma má formação no quadril, o que provavelmente dificultava contatos sociais ao longo da vida, Eufrásia foi notoriamente bela. Provas de sua beleza estão nos quadros e algumas fotos de época, que revelam uma pele muito branca de sinhazinha, emoldurada por cabelos negros. Os olhos eram igualmente negros, sob sobrancelhas marcantes. O que José de Alencar escreveu acerca de outra senhora, também pode ser dito sobre Eufrásia: “Era rica e formosa. Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro.” (*Senhora*, 1875).

#### A HERANÇA – OPORTUNIDADE PARA SUPERAR A SUBMISSÃO FEMININA

Detalhar os bens herdados por Eufrásia não só descortina a riqueza do café e o início da instalação do mundo financeiro no Brasil, como também revela a substância que permitiu sua maior autonomia na ordem patriarcal brasileira. Para Hildete Melo, Eufrásia conseguiu superar a condição de submissão à ordem patriarcal por intermédio de sua rica herança. Vamos, então, entender como tudo aconteceu:

A mãe de Eufrásia, dona Ana Esméria, faleceu em 1871, quando a filha mais nova tinha apenas 21 anos. No ano seguinte, 1872, o pai, Joaquim, também faleceu. Francisca, aos 27 anos, e Eufrásia, aos 22, estavam ricas e solteiras. Embora as duas fossem maiores de idade, na sociedade patriarcal em que viviam, os tios provavelmente acreditavam que Francisca e Eufrásia passariam para baixo de suas asas; assim como a herança dos irmãos falecidos em posse delas. Como se não bastasse a sucessão de mortes materna e paterna, a avó materna, também chamada Eufrásia (a Baronesa de Campo Belo) morreu no ano seguinte, em 1873. As duas irmãs, por direito, receberam parte da herança da avó. As autoras Hildete Melo e Angela Alonso acreditam que a pressão dos tios tenha-se tornado insuportável, a ponto de Eufrásia e Francisca resolverem morar fora do país, onde a família teria menor ingerência sobre elas. O destino escolhido foi Paris. Partiram para França no navio Chimborazo em agosto de 1873, não sem antes serem severamente repreendidas pelos familiares, preocupados com a honra das donzelas que se afastavam da vigilância da família para viverem solteiras em terras distantes.

O afastamento das irmãs da cidade de Vassouras foi facilitado pelo fato da herança de seus pais não estar concentrada em fazendas, pés de café e muitos escravos. Era um espólio majoritariamente formado por



títulos, ações e créditos a cobrar. O valor recebido por Eufrásia, somado à parte idêntica da irmã, chegava ao total do testamento paterno: 767:937\$876 (767 contos, novecentos e trinta e sete mil, oitocentos e setenta e seis réis). A herança de Joaquim José equivalia a 5% de todo o valor arrecadado pelo governo brasileiro com o imposto de exportação no ano de 1872. E nela havia apenas 12 escravos: 5 de Eufrásia e 7 de Francisca. A título de comparação, seu irmão Francisco José, Barão de Vassouras, possuía 147 escravos adultos e 15 escravos ainda menores de idade em sua fazenda Cachoeira Grande, no ano de 1850. Acredita-se que Joaquim José nunca tenha chegado nem perto de aplicar esse capital em homens cativos, mesmo no auge cafeeiro da região.

Com poucos escravos para a fortuna que tinha, o comissário chegou a aconselhar parentes e amigos fazendeiros a substituírem o trabalho escravo na lavoura pelo trabalho de colonos imigrantes. Joaquim provavelmente não defendia o trabalho imigrante por valor abolicionista: era cálculo. Como o tráfico Atlântico foi extinto em 1850, ele sabia que não demorariam muitas décadas para a escravidão se tornar impraticável. Ademais, seu verdadeiro temor era que o governo pusesse fim à escravidão sem pagar indenização pelos escravos que libertariam. Para ele, portanto, aplicar dinheiro em escravos era uma temeridade.

Ao viajarem para Europa, Eufrásia e Francisca deixaram dois empregados tomando conta da Chácara da Hera, um deles era Manoel da Silva Rebello. Eufrásia mantinha correspondência frequente com Manoel, acompanhando, a distância, os cuidados com a casa na qual passou a infância e a juventude. Manoel cuidou da residência por 36 anos e foi ele quem, em 1887, plantou a hera que cobriu as antigas paredes brancas da infância de Eufrásia. Se a propriedade hoje é conhecida como “Casa da Hera”, devemos isso ao gosto paisagístico do caseiro Manoel Rebello, certamente compartilhado com Eufrásia, que não se opôs à planta.

## EUFRÁSIA E NABUCO: PARA ALÉM DE UM AMOR, UMA REALIDADE ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL DO SÉCULO XIX

O famoso romance entre a ex-senhora de escravos Eufrásia e o abolicionista Joaquim Nabuco começou ou ganhou força no convés do navio Chimborazo: ainda não se pode afirmar com exatidão o local onde eles se conheceram. Foi paixão tão fulminante, que desembarcaram noivos na Europa. Os pais do noivo, ao receberem o telegrama no Rio de Janeiro, avisando sobre o noivado, comemoraram o compromisso tão auspicioso que o filho havia feito e agilizaram-se para preparar a documentação necessária ao enlace do filho. O noivado durou pouco, foi desfeito e refeito outras quatro vezes ao longo de quatorze anos de muitas correspondências.

Inconstante. Entre inúmeros adjetivos que o marcaram — liberal, abolicionista, monarquista, culto — talvez inconstante seja o adjetivo que melhor define o íntimo de Joaquim Nabuco. Conhecer sua história, assim como a de Eufrásia (ou entrelaçada à de Eufrásia), é tomar ciência do contexto econômico, político e social brasileiro da virada do século XIX para o XX.

A inquietação pessoal, certamente agravada por características pessoais, era – na verdade – um sintoma de sua geração. Reconhecido como um dos membros da geração de 1870, contestou, defendeu idéias novas, mas não ousou revolucionar. Estava, *entre* o liberalismo e a aristocracia conservadora, *entre* o Brasil e a Europa, entre casar e ser solteiro. As origens sociais da geração de 1870 explicam a razão do “estar entre”, muitos eram filhos de parte da elite política do país, que dependia do Estado para se prover de empregos. Ansiando pelas modificações que desejavam ver consolidadas no futuro, mas presos a padrões de comportamento do passado, estavam entre as rupturas e as permanências da história.

Nascido em Recife em 1849, Joaquim Nabuco foi criado no Engenho Massangana, em Pernambuco. Segundo o próprio Nabuco, aos sete anos, sentado nos degraus externos da casa-grande, tomou um susto ao ver um negro jogar-se nos seus pés e implorar que o menino lhe comprasse, para fugir dos castigos que sofria em fazenda vizinha. Tocado pela cena, Joaquim convenceu a madrinha a comprar o escravo: este foi seu primeiro passo no caminho da abolição. Levado para a casa dos pais no Rio de Janeiro, estudou no Colégio Pedro II e fez Direito. O pai, Nabuco de Araújo, embora liberal, preocupava-se

com a inclinação cada vez mais liberal que o filho assumia. Ademais, preocupava-se com o sucesso que o belo rapaz causava entre senhoras casadas. Concordeu com a ida do filho à Europa no ano de 1873, a fim de evitar mais problemas na praça carioca e esperar melhor situação política no país para arranjar-lhe um cargo ou uma candidatura.

Para os filhos da elite, uma viagem a Europa era conhecida como “viagem de formação”. Nabuco usou a herança da madrinha e embarcou em 31 de agosto de 1873. Nas três semanas de travessia do Atlântico, encantou Eufrásia e por ela foi encantado. De setembro a janeiro, permaneceu em Paris, compromissado com a órfã que morava com a irmã em Versalhes. Emancipada, Eufrásia deu a própria mão em casamento, apenas comunicando aos parentes brasileiros a sua vontade. Por mais que não pudesse impedi-la, seu tio (Barão de Vassouras) manifestou repúdio ao noivo. Razões não faltavam: o pai do rapaz era do Partido Liberal, enquanto os membros da família Teixeira Leite eram do Partido Conservador; o rapaz ousava ser um abolicionista, enquanto a família da noiva era dona de escravos; o desnível econômico era notável, a ponto da irmã Francisca também suspeitar que ele pudesse estar a procura de um bom dote. Ademais, talvez o tio ainda nutrisse a esperança de ver a sobrinha casada com alguém da família.

Entretanto, não foi a família que frustrou o romance. Imagina-se, pelas cartas trocadas entre pai e filho, que a razão do primeiro rompimento ocorreu por algum galanteio do irrequieto Nabuco a outra mulher, pois Eufrásia teve uma crise de ciúmes. Percebe-se, assim, que se Eufrásia se casasse, não seria como as demais mulheres que costumavam fazer

vista grossa aos relacionamentos extraconjugais dos maridos. O pai Nabuco de Araújo, ao saber do rompimento do noivado, escreveu ao filho: “Que noivo é esse tão livre e isento do seu compromisso? (...) Meu filho, olha para a realidade das coisas e segura-te a ti mesmo neste mundo de inconstâncias e vaidades. Se não casares, que papel fizemos aqui?” O assunto rendeu muitos comentários na corte carioca.

Como a paixão entre Eufrásia e Nabuco não havia terminado, em março de 1874 se reencontraram na Itália e reataram. Passearam por Veneza, Milão e Genebra e, em maio, recolocaram as alianças nos dedos:

**“De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro; a imaginação, européia”.**

Joaquim Nabuco. *Minha formação*.

JOAQUIM NABUCO, abolicionista, liberal, culto, belo e galanteador. Nabuco, filho de um senador do Império, foi político, diplomata, historiador, jornalista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Também foi o único e grande amor de Eufrásia de que se tem notícia. A família Nabuco não era grande proprietária de terras, pertencia à “aristocracia do talento”, na qual a vida social exigia um contínuo exercício de sedução, conquistas e autocontrole para alcançar vitórias eleitorais e cargos públicos de indicação.



Reprodução fotográfica de Aline Bougleaux/IBRAM/Acervo do Museu Casa da Hera



Reprodução fotográfica de Aline Bougleaux/IBRAM/Acervo do Museu Casa da Hera

EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE, pastel sobre tela, autor desconhecido, 149,5 cm x 149,5 cm, segunda metade do século XIX. Eufrásia surge ativa e bela, em vestido azul-cobalto, com decote de festa (também conhecido como decote princesa), segurando um grande leque de penas de avestruz.

só durou até junho. Segundo Angela Alonso, o problema parecia ser o planejamento do futuro: ele queria voltar para o Brasil (inclusive por insistência do pai, que tinha grandes planos para seu filho), mas Eufrásia estava decidida a morar na Europa. Com o novo rompimento e terminada a herança da madrinha, o pai exigiu que ele voltasse, mas Nabuco ainda passou um mês em Londres. Ao Brasil, voltou em setembro de 1874, sem emprego e apelidado de “Narciso”.

Com 25 anos, e ainda sem ocupação, resolveu dar uma utilidade à cultura que absorvera na Europa: começou a fazer conferências de arte e crítica literária, no jornal do liberal Quintino Bocaiúva. Nabuco não gostava de José de Alencar, senador do Partido Conservador e romancista. Contestava a vertente romântica indianista de Alencar e perdeu o emprego no jornal, quando resolveu criticar o consolidado romancista em sua coluna. José de Alencar ainda o espezinhou, chamando-o de “filhinho de papai”. Talvez, o tenha espezinhado ainda mais ao publicar, no mesmo ano de 1875, seu romance *Senhora*, no qual uma bela moça órfã, rica e voluntariosa compra seu marido, que se deixa vender, como um escravo.

Entrou o ano de 1876 e Joaquim Nabuco continuou sem emprego. O pai, que ainda aspirava ser presidente do Conselho de Ministros e queria fazer do filho um deputado, precisou encontrar uma ocupação

para o rebento: a diplomacia. O posto conseguido por Nabuco foi Washington. Em 1878, finalmente o Partido Liberal voltou a tomar a dianteira do governo imperial. Era a chance para Nabuco de Araújo lançar a candidatura do filho à Câmara, e ansiar ser chamado para a presidência do Conselho de Ministros. Entretanto, o liberal escolhido para o cargo mais alto do Império foi Cansação de Sinimbu. Desgostoso, Nabuco de Araújo faleceu em março de 1878. O filho, eleito deputado por Pernambuco, mergulhou definitivamente na causa abolicionista.

Entre 1885 e 1886, Nabuco voltou a tentar eleger-se deputado por Pernambuco. Ele e Eufrásia tinham voltado a se corresponder no ano anterior, e o romance parecia estar tão renovado que novamente cogitaram casamento. Eufrásia chegou a retornar ao Brasil, para acompanhar a campanha de Nabuco. Como não tinha mais residência fixa na cidade do Rio de Janeiro, Eufrásia se hospedou no requintado Hotel White, na Tijuca. Foi uma excelente escolha para manter o decoro e a respeitabilidade exigida pela sociedade da época, pois os encontros com Nabuco podiam ser justificados como coincidências, já que Nabuco tinha muitos amigos ali hospedados. Nabuco atacava o “escravismo fluminense” e fazia dessa batalha sua bandeira de campanha: a família Teixeira Leite fez toda pressão para que aquela parente de 35

Arquivo Joaquim Nabuco/Acervo Fundação Joaquim Nabuco



CARTA ESCRITA POR EUFRÁSIA, respondendo a uma declaração de amor ou a um possível pedido de casamento de Joaquim Nabuco, feito em 1876, quando ele soube que seria diplomata. Indecisa, ela escreveu: “Meu bom amigo, vou falar-lhe com toda a franqueza e com inteira confiança. Tua carta deixou-me bastante embaraçada. Estou n’um estado de alma o mais aflitivo possível, não posso agora discernir bem os meus sentimentos”. Nota-se o selo, no alto da carta, com o “T” e o “L” de seu sobrenome.

BILHETE APAIXONADO DE EUFRÁSIA. Escrito no melhor momento desse conturbado romance, quando Eufrásia chegou a retornar ao Brasil e se hospedar no belo Hotel White da Tijuca, ela afirmou: “Eu te amo de todo o meu coração. Eufrásia, 8 de dezembro de 1885, 11 horas da manhã. Tijuca”.



Arquivo Joaquim Nabuco/Acervo Fundação Joaquim Nabuco

anos, há muito apaixonada, não se casasse com Nabuco. Para a família, o casamento seria um disparate: o dote de Eufrásia, dinheiro conseguido em muitas décadas de uso e de defesa da escravidão, seria usado para financiar a campanha abolicionista de Nabuco. Em campanha, ele teve que ir para Pernambuco, mas havia combinado reencontro em Petrópolis. Pelo que dizem as cartas, a irmã convenceu-a a voltar para a Europa. Nabuco ficou muito surpreso, e acusou-a de abandoná-lo no meio da luta. Muito arrependida, Eufrásia escreveu seguidas cartas desculpando-se e informando que a relação com a irmã esfriara de vez. Nabuco perdeu a eleição e pensou tentar, novamente, a carreira diplomática. Voltou ao xequemate em 1886: pediu-a em casamento. Eufrásia negou: “não se condene a uma posição secundária no estrangeiro, quando pode e deve ter a primeira em nosso país”. O romance acabou de vez, quando Eufrásia tomou uma decisão desastrosa, que muito a assemelhava da *Senhora de Alencar* — ofereceu dinheiro a Nabuco, há muito endividado: “Eu tenho algum dinheiro e não sei o que fazer dele, compreende que me é muito mais agradável emprestar a si que a um desconhecido”. Uma mulher que se recusava a casar, mas oferecia dinheiro ao amante: era muita humilhação para o orgulho masculino.

Ele já escrevera a carta de rompimento, pedindo de volta todas as demais que lhe havia escrito. Ela disse que não devolveria, eram parte de sua história.

Ao final de 1888, quando Nabuco havia atingido o ápice de sua fama com o fim da escravidão, conheceu outra filha de fazendeiro. Nabuco, então, se rendeu ao pragmatismo de uma união de conveniência: quase aos 40 anos de idade, casou-se com uma esposa convencional em abril de 1889. Serena, 23 anos, e dona tanto de um rosto meigo quanto de um dote considerável: era Evelina, filha do Barão de Inhoan. O dote de 30 mil libras era grande, mas não aviltava a honra de um homem, como a fortuna de Eufrásia. Esse dinheiro ele perdeu, ao investir em títulos da dívida pública argentina, que não honrou o pagamento.

Com a República, o declarado monarquista resolveu exilar-se em Londres com sua esposa e filhos. Dedicou-se a escrever as memórias do pai, *Um estadista do Império*, e anos depois — já no Brasil e servindo ao governo republicano — suas próprias memórias, *Minha formação*. Segundo seu próprio diário, reencontrou Eufrásia em Paris, em 1899, na casa da Princesa Isabel. Quando Francisca ficou doente, visitou a ex-noiva após a morte da irmã e amparou-a no enterro.

## A DAMA DOS DIAMANTES NEGROS – DOS NEGÓCIOS À ALTA COSTURA

Em Paris, Eufrásia trabalhava na administração de sua herança. A multiplicação de sua fortuna ainda é um mistério que seu inventário pouco pôde desvendar, mas sabe-se que a herança aumentou substancialmente em suas mãos. Eufrásia é descrita como uma das primeiras mulheres a entrar na bolsa de valores de Paris. Segundo o biógrafo Ernesto Catharino, Eufrásia teria mandado instalar uma novidade tecnológica em seu palacete em Paris: um telefone com linha direta para a bolsa de valores.

Os anos passavam e Eufrásia enriquecia cada vez mais, enquanto Nabuco se endividava. Pode-se perceber, pelos endereços onde residiu, que Eufrásia passou de rica (por conta da herança) à milionária (por conta do talento). A princípio, morou com a irmã e a mucama Cecília Bonfim em Versalhes, depois se mudaram para Paris, fixando endereço na Rua Alba. O esplendor da riqueza se consumou no último endereço na capital francesa, onde viveu aproximadamente entre 1884 e 1927: o palacete de cinco andares na Rua Bassano, número 40, local nobre de Paris até hoje, bem próximo ao Arco do Triunfo. Era o centro financeiro e comercial de Paris na época. Segundo Cecília Bonfim, apesar da vizinhança ser da elite, a casa de Eufrásia era a única que

tinha jardim com estufa e uma cascata na Rua Bassano. Em 1899, as vésperas do século XX, sua irmã Francisca Bernardina faleceu. Assim, aos 49 anos, Eufrásia se transformou na herdeira universal dos bens de seu pai e uma mulher mais solitária.

Eufrásia investiu em setores de ponta do desenvolvimento econômico da época, tais como estradas de ferro (Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Union Pacific Railway, Cairo Electric Railway; Canadian Pacific Railway, etc.); exploração de jazidas e minas de ouro, diamantes, carvão, ferro e petróleo (Angola Diamants, Union Minière du Haut-Katanga, Shell Union Oil Corporation, etc.); setores agroindustriais como café, açúcar e cacau; indústrias têxteis (Cia. de Fiação e Tecidos Aliança, Cia. Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira, etc.); serviços públicos, como portos, energia elétrica, transportes urbanos (Companhia Cantareira e Viação Fluminense, etc.); além de ações de companhias bancárias (Banco do Brasil, Banque Belge, Banque Suisse e Crédit Suisse, Banque de L'Indo-Chine, etc.); e títulos da dívida pública de estados e cidades. Ao final da vida, ainda investiu no setor imobiliário. Percebendo a valorização de terrenos no bairro de Copacabana, ainda pouco ocupado ao final da década de 1920, Eufrásia comprou um grande terreno ao fundo desse bairro, na



rua que hoje se chama Pompeu Loureiro. O terreno chegava às franjas da mata do Morro dos Cabritos, não muito distante da Lagoa Rodrigo de Freitas. Contratou um serviço de engenharia que dividiu o terreno em 49 lotes e lhe deu o nome de Travessa Santa Leocádia. Corria o ano de 1929 e, ao falecer, em 1930, um dos lotes já havia sido vendido.

Diante de sua beleza e riqueza, não faltaram pretendentes à Eufrásia. Nos salões franceses, incluindo o seu, era cortejada e admirada. A família real brasileira, exilada em Paris com a proclamação da República, costumava frequentar seu salão, principalmente a princesa Isabel. Para ir a essas reuniões, sua mucama Cecília afirmou que Eufrásia passava duas horas no quarto para que lhe costurassem diamantes sobre o tecido dos vestidos e até no cabelo bem penteado: era conhecida como a dama dos diamantes negros. Eufrásia tinha inúmeros vestidos do costureiro que ficou conhecido como o pai da alta-costura: Charles Frederic Worth, famoso por fazer modelos ostensivamente caros. Também tinha vestidos do costureiro Jacques Doucet e inúmeros chapéus.

Apesar de admirada, reconhecida e bajulada, não parece ter existido outro homem que tenha chamado a atenção de Eufrásia. Tudo indica que ela manteve-se fiel a Nabuco, mesmo que preferisse sua liberdade a um casamento conjugado à vida de sinhá no Brasil. O

Alvaro Guilherme César Brandão



LOCAL ONDE VIVEU EUFRÁSIA EM PARIS. Originalmente o palacete residido por Eufrásia tinha 5 andares, na Rua Bassano, n. 40, oitavo arrondissement de Paris, próximo ao Arco do Triunfo, centro financeiro e comercial da cidade no século XIX. Rica por herança, o palacete era emblemático da transformação de Eufrásia em milionária pelo seu talento no mundo financeiro.

recato de Eufrásia, assim como das demais senhoras que sempre velavam pela reputação, não nos permite saber o grau de intimidade que chegou a ter com o homem que nunca se casou. Porém, algumas de suas cartas a Nabuco – como aquela na qual justifica porque voltou ao Brasil em 1885: “Não sei que influência tem na sua vida a viagem do Chimborazo. Eu por certo sem ela não estaria aqui” – e sua vida autônoma podem nos fazer supor que ela viveu livremente, mas sempre fiel a um homem só. Por essa razão, corre a lenda que Eufrásia teria pedido para ser enterrada com as cartas de seu amado. No entanto, não se sabe exatamente o destino dessa correspondência que desapareceu, pois também se especula que Eufrásia tenha pedido para Raul Fernandes queimá-las.

As cartas que ainda existem são as de Eufrásia para Nabuco, e estão na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. A única carta do abolicionista a Eufrásia que sobreviveu foi a do rompimento do romance. Isso se deve ao fato de que Nabuco tinha o costume de fazer rascunhos e cópias das cartas que enviava. Se as cartas que escreveu para Eufrásia não existem mais, os rascunhos e cópias deveriam existir. Ao que tudo indica, possivelmente ele ou seus familiares destruíram as cópias, deixando apenas o registro do fim do namoro.

## O LEGADO DE EUFRÁSIA – BENEFÍCIO AOS NECESSITADOS E CONTESTAÇÕES JUDICIAIS

Eufrásia faleceu aos 80 anos, em 13 de setembro de 1930, em seu apartamento na Ladeira da Glória, no Rio de Janeiro. Anos antes, ainda na Europa, presenciou a Primeira Guerra Mundial, com destruição de vidas inocentes e prédios históricos. Acostumada às guerras pré-século XX, que ocorriam em campos de batalha determinados e afastados, desesperou-se com aquele novo tipo de guerra que bombardeava civis e cidades. A destruição de construções históricas lhe tocou bastante e talvez tenha influenciado na preservação da Casa da Hera, desejo expresso em seu testamento, avaliado em quase duas toneladas de ouro.

No testamento, afirmando não ter descendentes nem ascendentes vivos, deixou a maior parte de sua fortuna para instituições de caridade. Seus principais herdeiros foram: o Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus (que possuía o Colégio Regina Coeli no Rio de Janeiro); o Colégio Santa Rosa de Niterói (da Ordem dos Salesianos); e a Santa Casa de Misericórdia de Vassouras. Outras instituições e pessoas não foram esquecidas, embora tenham recebido menor parte da herança. Entre eles, podemos citar a Fundação Oswaldo Cruz; a mucama Cecília Bonfim; o ex-escravo Ramiro Bonfim (pai de Cecília);

a empregada Amélia; Herculano e Francisco Vicente; o agente financeiro Alberto Guggenheim; os pobres de Vassouras, para os quais estava prevista a distribuição de 20 contos de réis; os mendigos do seu quarteirão em Paris, que veriam a distribuição de 20 mil francos; e alguns parentes do lado materno.

Os únicos parentes contemplados foram 3 primos: o coronel Júlio Corrêa e Castro, que recebeu 50 apólices; Maria da Conceição Corrêa e Castro; e Carolina Corrêa e Castro, que receberam, cada uma, 20 apólices. Os Teixeira Leite, assim como outros Corrêa e Castro não contemplados no testamento revoltaram-se. A Santa Casa de Misericórdia de Vassouras foi estabelecida como herdeira em última instância, caso as demais instituições se negassem a receber a herança ou a proceder exatamente como demandava Eufrásia.

Para o Instituto das Missionárias, Eufrásia legou a Chácara da Hera, a chácara vizinha conhecida como Chácara Calvet (comprada por ela em 1924), 1.000 apólices da Dívida Pública da União Federal, além de grande quantia em dinheiro para fundar um colégio de ensino fundamental e profissional feminino, que abrigasse – obrigatoriamente – 50 meninas pobres gratuitamente. A Chácara da Hera, por ordem expressa do testamento, não podia ser habitada, nem ocupada; e as

missionárias do Sagrado Coração velariam pelos objetos da mansão, não permitindo que móveis, louças, livros, quadros e roupas fossem vendidos ou usados. Os Salesianos não aceitaram sua parte da herança, que foi passada à Santa Casa de Misericórdia de Vassouras. Com o dinheiro recebido, a Santa Casa comprou a chácara das Palmeiras e, em 1937, começou a construir um hospital com 200 leitos, salas de Raio X e laboratórios para exames clínicos. Foi inaugurado em 1941, com o nome de Hospital Eufrásia Teixeira Leite e, por muito tempo, foi considerado um hospital de referência e bastante moderno.

Em 1991, as Missionárias do Sagrado Coração desistiram de continuar a manter o colégio e abriram mão da herança, entregando as chaves do colégio feminino para a Santa Casa de Misericórdia. (A Casa da Hera só não passou para as mãos da Santa Casa, porque ela já havia sido tombada pelo Patrimônio Histórico em 1952 e transformada em museu em 1968, como veremos mais adiante).

Eufrásia escolheu dois primos formados em Direito para serem seus testamentários. Eram os irmãos Antônio José Fernandes Júnior e Raul Fernandes. Assim que Eufrásia faleceu, Antônio Fernandes levou consigo o testamento que estava na mesa-de-cabeceira, antes que outros parentes chegassem ao apartamento da Ladeira da Glória

e rasgassem o documento. Primas pelo lado paterno, Teixeira Leite, contestaram a validade do testamento, alegando insanidade de Eufrásia. Apenas em 1937, após sete anos de muito trabalho dos dois testamenteiros, a Primeira Corte de Apelações do Rio de Janeiro negou por unanimidade a anulação do testamento. Durante esse longo período, a herança ficou parada e nenhum dos desejos beneficentes de Eufrásia foi realizado. Quando os Teixeira Leite resolveram recorrer, a população de Vassouras ameaçou os advogados de morte. Um grande número de Vassourenses se aglomerou na porta do Fórum para protestar. Os advogados tiveram que fugir da cidade pela porta dos fundos do Fórum; fato registrado pelo Correio de Vassouras em 29 de agosto de 1937.

Não obstante os empecilhos jurídicos e familiares que impediram a exata distribuição de renda que desejava Eufrásia, os problemas do hospital que carrega seu nome, e a pulverização de seus terrenos outrora vastos (mesmo com cláusulas que proibiam a venda e a transferência de posse dos bens), o legado de Eufrásia está por toda Vassouras. Segundo averiguou a *Revista Pianú*, nº 19, suas antigas terras abrigam o quartel da Polícia Militar de Vassouras, a Delegacia Policial, o novo Fórum da cidade, o reservatório da Companhia Estadual de

Águas e Esgotos, um condomínio de casas populares da prefeitura, uma filial da Sociedade Pestalozzi, uma creche, uma escola municipal, um colégio estadual, um CIEP, uma unidade do Senai, e até um centro espírita, além dos já mencionados colégios profissionais, do hospital e da charmosa casa de sua infância: o Museu Casa da Hera. A fortuna de Eufrásia tem utilidade pública e, por essa razão, seu nome será sempre lembrado. O Dr. Joaquim precisava de um filho homem que passasse seu sobrenome adiante: teve uma filha que o eternizou.



Sylvana Lobo / IBERAM

## O MUSEU

### A CASA E A CHÁCARA

A Museologia possui uma categoria específica para as casas que, por seu interesse histórico ou pela importância de seus donos, foram preservadas como registros de sua época e transformadas em museus: os museus-casa. O Museu Casa da Hera é um belo exemplo desse enquadramento, tanto pela importância histórica dessa construção oitocentista, quanto pela importância de seus personagens, os Teixeira Leite.

Sabe-se que a data de construção da casa é anterior a 1836, ano em que foi editada uma planta da vila de Vassouras, na qual a residência já aparecia. A casa está situada no alto de uma colina, no centro de uma chácara que possuía – como indica o testamento de Eufrásia – 240 mil metros quadrados. Atualmente, o terreno da chácara possui 33 mil metros quadrados, com a presença de altas palmeiras imperiais, muitas árvores frutíferas e um extenso túnel de bambus.

A residência, com paredes externas cobertas de hera, está assentada sobre um baldrame de pedra. É uma construção tão antiga, que suas paredes não são de alvenaria, são de pau-a-pique e adobe, entrecortadas por 69 janelas que iluminam 22 cômodos. Essas janelas







SALÃO COMERCIAL. Móveis de origem francesa, feitos em jacarandá e palhinha. Destaque para a mesa central em decoração neo-rococó e para o papel de parede com pinturas de folhas de café. Os cristais das arandelas são da Boêmia, com apliques em bronze. Nesse salão, estão os quadros de Joaquim José e de sua esposa Ana Esméria.

BIBLIOTECA. Joaquim José acumulou quase 900 livros e mais de 3.000 periódicos em sua biblioteca, um fenômeno raro no Brasil iletrado dos oitocentos. O móvel que guarda os livros é um belo armário-estante em jacarandá e cristal, da primeira metade do século XIX.



### Área íntima:

Esta área é formada pelos quartos da família, por um quarto de visitas e pela biblioteca. Essa era uma ala de acesso restrito aos familiares, com exceções para poucos amigos. As casas do século XIX costumavam ser pensadas não pelo olhar do morador, mas do visitante. Por isso, as áreas com decoração mais exuberante eram as sociais, já que aqueles eram os únicos cômodos a que as visitas teriam acesso. Esse hábito explica a simplicidade dos quartos, visto que precisavam conter apenas o essencial para o cotidiano de seu dono. No quarto onde provavelmente dormia Eufrásia, está um desenho dela feito em pastel, no qual Eufrásia aparece em um vestido de baile, segurando um grande leque de penas.

### Área de serviço:

Nessa área estão os cômodos do mundo dos serviços, como a cozinha e a copa. Nela, restou do mobiliário original da casa, o armário embutido e a mesa de madeira. O fogão a lenha original do cômodo provavelmente era de barro, embutido na parede. O que agora está no local foi uma doação e tem uma inscrição que diz: “1866 – Jacinto A. Barbosa”.

### Área social:

Essa ala é composta pelos salões de receber, típico local onde se realizavam os bailes e saraus de música e poesia. É, certamente, a área mais requintada da casa. Existe um salão de música e um salão de recepção dos homens, ornados por vários espelhos de cristal em moldura dourada.

No “salão amarelo” (também conhecido como salão de música), há um raro piano Henri Herz. Apenas este e outro na França ainda estão em funcionamento. Os móveis são em estilo Luís Felipe e o lustre francês feito em opalina, cristal e bronze.

O salão vermelho servia para recepcionar os homens após um jantar ou sarau. Isso fica claro pelas escarradeiras presentes no local, pois fumar era hábito entre os homens. Era comum no século XIX a existência de salões próprios para conversas masculinas, notadamente de política e economia. Esse salão é ornado pela imagem mais famosa de Eufrásia: um quadro pintado na França, em 1887, por Carolus Duran. O fundo da pintura é vermelho, onde aparece Eufrásia em um vestido de baile com decote de festa, envolta em um casaco de pele.

A sala de jantar é um ambiente híbrido, acumulando funções sociais e íntimas. A riqueza do ambiente, com papel de parede floral e luxuoso jogo de jantar disposto sobre uma mesa de 16 lugares, nos dá



VISÃO PARCIAL DO SALÃO VERMELHO.

Douglas Montes



Douglas Montes

VISÃO PANORÂMICA DA SALA DE JANTAR. A cristaleira (à esquerda da foto) abriga a louça da família. Sobre a mesa, encontra-se um jogo de jantar de porcelana com filetes em ouro. Ao lado da mesa, temos o Conjunto Thonet, mobiliário de estilo austríaco.





VISÃO PANORÂMICA DO SALÃO AMARELO.  
Decoração neo-rococó, típica do gosto francês  
do século XIX, com mobiliário no estilo  
Luís Felipe. Espelhos e lustre de cristal.



indícios de que esta sala era usada para recepcionar convidados. Ao lado da mesa temos um Conjunto Thonet, mobiliário de autoria de Michael Thonet, marceneiro alemão, cujos filhos criaram a empresa Gebrüder Thonet, em Viena, o que justifica ser conhecido como estilo austríaco. Era nesse local em que as mulheres se reuniam após as refeições para tomar café e conversar assuntos do universo feminino. As refeições diárias da família provavelmente eram feitas na mesa da copa, um ambiente mais simples e sóbrio.

#### HISTÓRICO DO MUSEU

Até 1930, a casa fez parte dos bens de Eufrásia Teixeira Leite, quando seu testamento colocou a residência aos cuidados das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Havia uma cláusula que garantia a manutenção da integridade da construção e de seus objetos. A casa, portanto, transformou-se numa espécie de caixa mágica, um portal do tempo. Enquanto Vassouras se transformava – novas ruas eram abertas, novas construções surgiam, muitas casas antigas eram derrubadas e seus móveis eram destruídos, viravam sucata, ou eram vendidos em brechó – na Casa da Hera nada mudava: tudo permanecia igual, como se os donos fossem voltar a qualquer momento. Por essa razão, o



TÚNEL DE BAMBU, no terreno da chácara.  
A população de Vassouras também o  
chama de Túnel do Amor.

arquiteto Augusto da Silva Telles (autoridade em residências históricas do Vale do Paraíba) afirma que a Casa da Hera “é a única que se apresenta com o tratamento original de seu interior e mobiliário autêntico”.

O testamenteiro de Eufrásia, o diplomata Raul Fernandes, progredia na carreira conforme passavam-se os anos. Foi político, como diplomata chegou a embaixador, foi presidente da OAB e até Ministro das Relações Exteriores em dois períodos: no governo de Dutra, entre 1946 e 1951, e no governo de Café Filho, entre 1954 e 1955. Diante do prestígio político e da influência que tinha, Raul conseguiu que o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) tombasse a Casa da Hera em 1952. Dessa forma, não apenas o testamento de Eufrásia exigia que a casa ficasse de pé, mas também a União Federal. O DPHAN só conseguiu tomar as demais residências históricas de Vassouras em 1958, quando todo o conjunto urbano-paisagístico da cidade foi tombado, garantindo sua permanência.

O DPHAN, em 1965, assinou com as Missionárias do Sagrado Coração um convênio de caráter permanente para que a Instituição pudesse abrir a casa ao público, e fazer dela um museu. Então, o Museu Casa da Hera foi inaugurado em 1968. Em 2009, o museu passou a ser vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia do Ministério da Cultura.

## A MISSÃO DO MUSEU

Guardar, preservar, manter, pesquisar, difundir, expor, analisar e promover debates sobre o modo de viver da abastada família do Dr. Joaquim José Teixeira Leite (1812/1872) ao longo do século XIX, no vale do Rio Paraíba fluminense, através da preservação de sua residência e estímulo ao acesso da população a esses bens.

## EXPOSIÇÕES

Além da exposição de longa duração, que exhibe o acervo deste museu casa, a Casa da Hera também dispõe de um espaço dedicado às exposições temporárias, cujos temas se relacionam à história e à cultura de Vassouras, do Vale do Paraíba fluminense, do café e do século XIX. A chácara integra o espaço expositivo, apresentando ao visitante elementos dos seus jardins históricos, objetos do século XIX, e peças que testemunham a interação da instituição com a comunidade, como os bonecos feitos em bambu e papel e que representam personagens importantes do museu e da região, como a Eufrásia e seu burrinho Pimpão, o Manuel Congo e sua companheira Mariana Crioula.

## O ACERVO MUSEOLÓGICO

A maior parte do acervo é original, constante do testamento; alguns artigos foram doações e aquisições do museu em leilões de peças ligadas à história da família.

Para citarmos alguns itens importantes desse acervo, destacamos a escrivania de jacarandá do século XIX e os mapas do escritório da área comercial, alguns produzidos em Paris no ano de 1833, e um que desperta um interesse particular: um mapa do Brasil produzido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1846. Nele, pode ser visto o território correspondente ao Império Brasileiro, dividido em províncias, sem a inclusão do Acre. Na área íntima, destacam-se as camas, os quadros de família e os objetos religiosos, sempre próximos aos leitos. Na área de serviço, se sobressaem o armário embutido e uma mesa rústica de madeira na copa, além de inúmeros utensílios de cozinha e de um fogão à lenha de 1866. Na sala de jantar, destacam-se a grande mesa, a cristaleira, o conjunto de cadeiras Thonet e jogo de jantar de porcelana com filetes em ouro, e que traz as iniciais do patriarca, JJTL. Ressaltamos ainda um serviço de chá em prata, e alguns castiçais do mesmo material da linha de ourivesaria Christoffle, também com as inscrições JJTL.

Esse jogo de prata chama atenção por sua produção. A empresa Christoffle, que desenvolve produtos até hoje, é sinônimo de requinte. Foi fundada em 1830 pelo joalheiro francês Charles Christoffle. Ele tinha um grande talento para moldar a prata em objetos que se destacavam, não só pelo design, mas também por sua qualidade. Em 1855, ele passou a ser o fornecedor oficial da corte francesa. Com isso seu nome se tornou sinônimo de luxo. Conquistou o mercado mundial, inclusive o continente da Ásia. Fabricou, até 1880, principalmente sob encomenda real e imperial, peças baseadas nos movimentos da época, como, por exemplo, o Art Nouveau, no fim do Século XIX.

Além do mobiliário, da louça de porcelana, da prataria, dos quadros, dos lustres, o museu possui vasta coleção de indumentária. Os trajes são franceses ou correspondem ao padrão de moda francês das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, pois Paris era o centro da Alta Costura feminina e ditava os critérios de elegância da época. São vestidos de festa, trajes para passeio, montaria, roupas para dormir; além de acessórios como sapatos, sombrinhas, chapéu e leques! Como é raro encontrar peças que cubram contextos tão diversos, reunidas em um mesmo local, essa variedade agrega grande valor à coleção do museu.



RELÓGIO com base em bronze dourado. Parte superior com figura feminina em bronze escuro. A figura feminina está recostada sobre relva, com arranjo de flores na cabeça e traje decotado. Origem francesa, segunda metade do século XIX.

JOGO DE CHÁ composto por samovar, bule de chá, açucareiro, leiteira, bule de café e galeiteiro. Fabricante: Charles Christofle, fundador da centenária marca de artigos em prata. Origem francesa, século XIX.



JOGO DE JANTAR, com louça em porcelana. Destaca-se a presença do monograma “JJTL” (Joaquim José Teixeira Leite), hábito comum no século XIX. O número de peças do jogo é espantoso, acreditava-se que chegava a 1.000. Hoje existem cerca de 400 peças no Museu, sendo 158 só de pratos rasos. Os talheres que compõem a mesa pertenceram ao Barão de Campo Belo e também trazem seu monograma, “LCC” (Laureano Corrêa e Castro).



SAPATO DE VELUDO VINHO, com peito bordado em fios metálicos e linhas. Interior forrado em seda. Produzido na França, século XIX.

Esse conjunto já seria suficiente para tornar essas vestimentas um interessante objeto de pesquisa, porém o acervo do Museu Casa da Hera ainda guarda mais agradáveis surpresas: alguns dos vestidos são da Maison Worth (Casa Worth); e Charles Worth é considerado o pai da alta-costura. No acervo do museu há 9 peças do estilista.

O costureiro inglês mudou-se, em 1845, para o centro da moda de então: Paris. Nesse período, os costureiros só trabalhavam sob encomenda, de acordo com instruções das clientes. O avançar da Revolução Industrial e a independência criativa dos costureiros mudaria esse quadro, trazendo grande celeridade à moda, criando tendências passageiras, mas que retornam repaginadas de tempos em tempos. Charles Worth foi um dos agentes mais importantes nesse período de mudanças.

Ele inovou ao apresentar vestidos prontos, criações suas: um risco, pois não havia como saber se os vestidos seriam comprados. Outra inovação sua, hoje tão comum entre as marcas de roupa, foi colocar uma etiqueta com seu nome dentro do vestido, para identificar o criador da peça. Worth usou a própria esposa – uma vendedora da mesma loja – como manequim dos vestidos, para mostrá-los às clientes. Worth, portanto, é considerado um precursor da profissão de modelo/manequim.

Worth fez tanto sucesso, que conseguiu abrir sua própria loja em 1858, conhecida como Maison Worth, na Rue de La Paix, área nobre de Paris. A associação de seu nome com mulheres da alta realeza europeia lhe garantiu maior penetração no gosto da alta sociedade, sobretudo na aristocracia e na burguesia.

Outra concepção sua foi a criação de coleções por temporada. Eram duas por ano, hoje conhecidas como primavera-verão e outono-inverno. A cada temporada havia nova gama de vestidos. Foi a Revolução Industrial que possibilitou esse ritmo de inovação veloz, pois tornou possível a maior disponibilidade de tecidos — e consequentemente uma queda nos preços —, disseminou os estilos e produziu máquinas de costura caseiras, como a famosa Singer.

Por duas décadas, entre 1850 e 1870, a crinolina reinou como peça de suporte dos vestidos na Europa. Embora a coleção do museu não possua nenhuma peça com essa estrutura, a crinolina era uma armação, parecida com uma gaiola, usada sob a saia do vestido para dar volume. Com o passar do tempo, Worth diminuiu a amplitude da peça, tornando-a mais justa e reta na frente, enquanto a parte traseira continuava abaulada.





Acima:

CASACO CURTO DE LÃ CREME, com aplicações de renda de guipure, vazado no corpo e no alto das mangas. Gola e lapela em tira única lisa, revestida de seda creme mais escura. Manga de godê bastante acentuado. Charles Worth, França, século XIX.

Ao lado:

VESTIDO DE BAILE EM VELUDO NEGRO. Busto drapeado em forma de grande laço, amplo decote em “V”, pequenas mangas drapeadas, saia em corte princesa com grande cauda. Origem francesa, século XIX.



Acima:

CASACO CURTO AMARELO, parecido com um xale. Nas lapelas há fileiras de flor de guipure, e bordado creme e preto sobre renda filé branca. Charles Worth, França, século XIX.

Ao lado:

TRAJE DE MONTARIA EM VELUDO, composto por saia e casaco longo. Fabricado por Charles Worth, considerado pai da alta costura, 1890.

Em 1870, com a guerra Franco-Prussiana, que pôs fim ao Segundo Império e restaurou a República francesa, sua casa quase fechou. Porém, embora a realeza tenha saído arranhada, a burguesia já se encantara com suas roupas, e o reinado de Worth na moda continuou por longas décadas. As crinolinas caíram em desuso. Ele, então, resolveu inovar mais uma vez, substituindo-as definitivamente pelas anquinhas, que armavam apenas a parte traseira das saias e vestidos. Assim, novas silhuetas apareceram na moda ocidental entre 1870 e 1890, sendo copiadas pelas mulheres da elite de toda a Europa, da América e até da Ásia. As saias foram varridas para trás, ficando justas e estreitas na frente, mas volumosas atrás, com amontoados de tecido terminando em cauda, que arrastava no chão com o caminhar das moças. Os chapéus eram bem pequenos, por vezes com uma telinha de renda na frente do rosto ou uma pluma extravagante atrás.

Como Eufrásia e sua irmã chegaram em Paris em 1873, elas estavam inseridas nessa nova moda e foram contemporâneas dessa segunda fase do estilista. Nas primeiras décadas do século XX, a *Belle Époque* ditou moda, com tecidos mais esvoaçantes, em corte enviesado. Eram linhas fluídas, mas com bastante ornamentação, como sobreposições de rendas, contas, flores artificiais, crochê, bordados e até pedrarias.

Segundo Maria Alice Ximenes, autora de *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*, o homem foi o principal escultor do redesenho do corpo feminino, ao formular as formas eróticas do vestuário, como espartilhos e anquinhas. No século XIX, enquanto os homens eram discretos e sóbrios em suas vestimentas, transferiam para o visual da esposa e das filhas o seu status e poder econômico. Dessa forma, as mulheres da elite eram muito enfeitadas, revelando o poder financeiro da figura masculina da qual dependiam. Eufrásia, porém, era uma das mais elegantes e luxuosas, o que desconcertava a todos, pois revelava o poder econômico dela mesma.



## SERVIÇOS DO MUSEU

### PROGRAMA EDUCACIONAL

A partir de um diagnóstico realizado em outubro de 2010, quando a direção do Museu Casa da Hera foi assumida pela arte educadora Daniele de Sá Alves, juntamente com a equipe formada pela educadora e historiadora Cinthia Rocha, e o assistente técnico e advogado Cirom Duarte e Alves, foi verificado um distanciamento entre a comunidade e o museu, o que trouxe para essa nova gestão, o desafio de reaproximar a população de seu patrimônio. Dessa forma, foram desenvolvidas ações educativas baseadas na premissa de que a essência de todo processo museológico envolve uma dimensão educacional, sendo o museu um local de deleite e produção de conhecimento, contribuindo para a formação intelectual e para o exercício da cidadania de adultos, jovens e crianças.

A valorização do patrimônio museal é fundamental para o fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania, impulsionados por meio de ações educativas bem orientadas, que permitam a apropriação consciente do patrimônio pela comunidade. Tendo isso em mente, a partir de 2011, a equipe do setor educacional do Museu

Casa da Hera buscou desenvolver um programa dinâmico e criativo, oferecendo ao público, cinco projetos educativos permanentes que contemplam diferentes linguagens artísticas, para diversos grupos sociais e faixas etárias, objetivando ampliar cada vez mais a integração entre o museu e seus visitantes.

As visitas mediadas atendem a quase totalidade do público, incluindo tanto os visitantes espontâneos, quanto os grupos escolares e de turismo. Essa ação é de extrema importância no processo de valorização do patrimônio museal, uma vez que contribui para sensibilizar o público sobre o acervo.

O Cineclube Casa da Hera tem reuniões mensais e destina-se a pessoas que buscam um espaço para debate e troca de informações sobre filmes, seus contextos históricos, roteiros e elenco. Todas as sessões são seguidas de um debate e os filmes são escolhidos buscando sempre trazer à tona discussões sobre temas atuais e tópicos que dialoguem com a grade curricular das escolas. O projeto conta com a parceria do Cineclube Humberto Mauro.

Outro projeto mensal é o Ecoclube Manoel da Silva Rebello, destinado aos alunos das séries de Ensino Fundamental I, que têm a oportunidade de vivenciar na Chácara atividades diversas voltadas à educa-



A ARTE-EDUCADORA TIZA VIDAL, seus alunos e os bonecos que eles confeccionaram na Oficina de Bonecos Zé Pereira. Essa ação ocorreu durante o circuito “Café, Cachaça e Chorinho” de 2011, que promoveu diversas atividades em 13 municípios da região do Vale do Café. Entre os bonecos feitos por Tiza e seus alunos, destacam-se os bonecos de Manoel Congo, Mariana Crioula, Eufrásia Teixeira Leite e até o seu famoso burrinho Pimpão.

MOMENTO DE COLHEITA no Ecoclube Manoel da Silva Rebello. O projeto homenageia o caseiro de Eufrásia, que plantou a hera nas paredes do casarão. A atitude do Sr. Manoel é o grande patrimônio simbólico do Museu e dá o nome pelo qual a Casa e a Chácara são conhecidas.



ção ambiental para um futuro sustentável. Toda a ação é desenvolvida com base nos princípios da permacultura e, além do cultivo e manutenção de hortas mandalas orgânicas, minhocário e compostagem, as atividades contam com o reaproveitamento de materiais recicláveis.

O Contar e Brincar Histórias surgiu pelo reconhecimento de que a contação de histórias é uma grande ferramenta no desenvolvimento de crianças e jovens. Todo mês uma escola ou instituição da região é escolhida para trazer uma turma de até 30 alunos, que vivenciam uma tarde de histórias e brincadeiras na Chácara. Esse projeto foi idealizado em uma parceria da equipe do Museu Casa da Hera com a escritora Gilda Meirelles.

Por fim, o Clube de Leitura Joaquim José Teixeira Leite, em formato de café literário, realizado quinzenalmente, reúne um grupo de pessoas que têm em comum o gosto pelas letras, não importando idade ou formação. Elas combinam de ler o mesmo livro ou texto e depois se encontram para discuti-lo em reuniões descontraídas e bastante produtivas. Todos os projetos acontecem regularmente e têm contado com o prestígio do público em todos os encontros.

O programa educativo do Museu Casa da Hera é pensado para atender a grupos de diversas faixas etárias e formações. Por essa ra-

zão, o público beneficiado é muito variado. Em 2011, o museu recebeu cerca de 800 visitantes ao mês, chegando a quase 10.000 entre outubro de 2010 e outubro de 2011. O programa contempla visitantes de outras cidades e turistas estrangeiros, mas o foco principal é o atendimento à comunidade local.

Além dos projetos educativos permanentes, o Museu Casa da Hera integra de forma ativa a programação dos eventos promovidos pelo Ibram e também daqueles que movimentam o calendário cultural da região, como o Festival Vale do Café, um dos principais eventos da cidade e, graças ao qual, o mês de julho se converteu no período de maior movimentação de turistas na casa. Para o museu, estar integrado à programação de Vassouras e do Vale do Café é uma grande oportunidade de consolidar-se como um dos principais espaços culturais da região e permitir que um número cada vez maior de pessoas conheça a casa onde morou a importante família Teixeira Leite no século XIX. Nesses eventos, a equipe do Museu Casa da Hera elabora ações educativas e culturais que se integram ao tema da ação, além de receber em seu espaço diversas atividades, como aulas, concertos e apresentações.

Um exemplo dessas ações foi a oficina realizada em 2011 durante o Circuito de Outono-Café, Cachaça e Chorinho. Nessa ocasião, a arte-

-educadora Tiza Vidal e os alunos da Oficina de Bonecos Zé Pereira, realizada no Museu, confeccionaram quatro bonecos de personagens tradicionais da história de Vassouras: Eufrásia Teixeira Leite; o mitológico burrinho Pimpão; além de Mariana Crioula e Manoel Congo. Esses e outros bonecos saíram, em um cortejo cultural, pelas ruas da cidade, indo do Museu Casa da Hera até a Praça Barão de Campo Belo, puxados pela banda que anima os carnavais do Bloco Zé Pedreira de Vassouras.

Após a Oficina, os bonecos confeccionados passaram a fazer parte do circuito expositivo da Chácara. Eufrásia Teixeira Leite e o burrinho Pimpão, figuras tão importantes na história do museu, estão expostos próximo à entrada da casa. Após o falecimento de Eufrásia, diante repercussão levantada por seu testamento, muitas lendas foram criadas sobre a origem e destino de sua fortuna. Uma das mais famosas afirmava que ela havia doado o dinheiro para seu burrinho de estimação, chamado Pimpão, que, por ser seu maior herdeiro, tinha dentes de ouro e era tratado a pão de ló. Na realidade, o que se pode averiguar pela documentação, é que o inventário de Eufrásia menciona um burro de cor pinhão-claro que vivia na chácara e essa foi, provavelmente, a origem do mitológico personagem do burrinho Pimpão.

Os bonecos de Manoel Congo e Mariana Crioula estão na área dos bambuzais da chácara, e prestam um tributo não só a esses dois personagens, mas a todos os escravos que ajudaram a construir a história do Brasil. Os dois foram líderes da maior rebelião de escravos já ocorrida na região do Vale do Café e são importantes símbolos da resistência dos negros contra a escravidão. Em 1838, motivada, inicialmente, pela revolta contra a morte de um escravo, houve uma fuga em massa que teria contado com a adesão de cerca de 300 a 400 negros de diversas fazendas da região de Paty do Alferes - RJ. Mariana Crioula foi absolvida, assim como as demais mulheres que participaram da rebelião, mas Manuel Congo foi sentenciado à morte. Em 6 de setembro de 1839, Manuel Congo subiu ao cadafalso no Largo da Força em Vassouras, para cumprir o que era chamado de “pena de morte para sempre”, isto é, ser enforcado e ficar sem o sepultamento que, para a religião Católica, lhe permitiria a Ressurreição.

A vida cultural e educativa do Museu Casa da Hera é muito rica e criativa, mais um convite para que se conheça esse importante museu brasileiro!

#### SERVIÇO DE ATENDIMENTO À PESQUISA

As pessoas que desejarem realizar pesquisas sobre o acervo do Museu Casa da Hera devem entrar em contato com o museu previamente pelo email: [casadahera@museus.gov.br](mailto:casadahera@museus.gov.br). O interessado deve informar a natureza da investigação, especificando o tema e que tipo de material deseja pesquisar. Será enviada uma ficha para preenchimento com detalhes da pesquisa e feito um agendamento para que o pesquisador tenha acesso ao material solicitado. Será enviado, ainda, um termo de responsabilidade, que deverá ser preenchido e assinado.

## VISITAÇÃO DO MUSEU CASA DA HERA

A entrada no Museu Casa da Hera é gratuita!

Visitação: O museu pode ser visitado de terça-feira à sexta-feira das 10h às 17h; aos sábados, domingos e feriados a visitação ocorre das 13h às 17h.

A chácara está aberta todos os dias da semana, permitindo passeios e piqueniques no jardim. Para visitar a chácara, os dias e horários são: de segunda-feira à sexta-feira de 10h às 17h; aos sábados, domingos e feriados, de 13h às 17h.

**Endereço:** Rua Dr. Fernandes Júnior, 160 - Centro, Vassouras/RJ

**Telefone:** +55 (24) 2471-2961 / (24) 2471-2930

**E-mail:** casadahera@museus.gov.br

**Página na internet:** www.museus.gov.br

## SAIBA MAIS

### O ENTORNO DO MUSEU

O visitante do Museu Casa da Hera se encantará com inúmeras atrações de Vassouras.

Pode-se começar a visita pelo centro da cidade, para conhecer a Praça Barão do Campo Belo, a Igreja Nossa Senhora da Conceição no alto da praça – que é a Matriz de Vassouras – e o Chafariz Monumental. O avô materno de Eufrásia, Barão do Campo Belo, foi responsável pela proposta que deu origem a essa praça, ainda em 1835, apesar de ela só haver sido concluída em 1857, quando foram feitas calçadas ao redor da área, plantado um grande tapete verde ascendente em direção à Igreja Matriz; e cultivadas as palmeiras imperiais. No século XX, foi construído um lago, um coreto e mais árvores foram plantadas. Ao longo do tempo, a praça teve muitos nomes: Praça da Matriz, do Comércio, da Concórdia, Aquidabã e, por fim, recebeu o nome atual em homenagem ao seu idealizador.

A construção do Chafariz Monumental no centro da praça teve influência do Dr. Joaquim José Teixeira Leite, pai de Eufrásia, que na época em que a obra foi erguida – 1845 – era presidente da Câmara de



PRAÇA BARÃO DE CAMPO BELO. Ao centro da praça destaca-se o chafariz monumental, construído em 1845, quando Joaquim José Teixeira Leite, pai de Eufrásia, era presidente da Câmara de Vassouras.

Vereadores de Vassouras. Todo em cantaria, o chafariz foi projetado pelo espanhol Joaquim de Souto García de La Veja, que residia em Valença. A Igreja Matriz foi, originalmente, uma pequena capela erguida em 1828 pelo Barão de Ayuruoca, tio de Joaquim José. A forma atual da igreja só foi atingida em 1853. Percebe-se que pessoas relacionadas à Casa da Hera e à Eufrásia nomeiam praças e ruas na cidade de Vassouras, porque foram política e economicamente influentes no período de formação da cidade.

Nessa região do centro de Vassouras se concentra o conjunto arquitetônico do século XIX, tombado pelo IPHAN em 1958. Pode-se ver o Paço Municipal, prédio construído entre 1849 e 1874, onde hoje funciona a Câmara Municipal; o Solar do Barão de Vassouras, que foi residência do tio de Eufrásia; o Palacete Itambé, antiga residência do avô paterno de Eufrásia; os prédios do Fórum e da antiga Santa Casa de Misericórdia (Asilo Barão do Amparo); e a antiga estação ferroviária, construída em 1912.

São tantas as referências aos ricos fazendeiros de Vassouras, que o visitante do Museu Casa da Hera não poderá deixar de visitar um memorial em homenagem a um escravo, líder de uma rebelião: o Memorial Manuel Congo. O memorial localiza-se no Largo da Pedreira, a

100 metros do centro histórico, local conhecido como o antigo Largo da Forca, onde ficava o pelourinho da cidade. No pelourinho, os escravos considerados insubordinados por seus donos eram açoitados, ou condenados ao enforcamento. Manoel Congo, como vimos anteriormente, foi enforcado por ter liderado – junto com Mariana Crioula – a maior rebelião escrava da região do Vale do Paraíba fluminense.

#### LUGARES RELACIONADOS À FAMÍLIA TEIXEIRA LEITE

Ainda no município de Vassouras, embora um pouco afastadas do centro, existem duas fazendas que pertenceram a familiares de Eufrásia: a Fazenda do Secretário e a Fazenda Cachoeira Grande.

A Fazenda do Secretário tem origem no ano de 1703, quando José Ferreira da Fonte, secretário do governador da província do Rio de Janeiro, adquiriu as terras. Nessa época ainda não se plantava café na região. Em 1830, a fazenda foi comprada pelo avô materno de Eufrásia, o nosso já conhecido Laureano Corrêa e Castro, o Barão de Campo Belo. Nas mãos desse cafeicultor a fazenda possuiu mais de 500 mil pés de café e mais de 300 escravos. Hoje, é um dos melhores exemplos de solar em estilo neoclássico, herdeiro do café no Brasil. Além do belo solar, dos jardins magníficos, a fazenda ainda possui o Córrego do



Eneida Queiroz / IBRAM

FAZENDA DO SECRETÁRIO, de Laureano Corrêa e Castro. O casarão, em estilo apalacetado e neoclássico, é circundado por belo jardim e estátuas de bronze. No século XIX, o viajante francês Charles Ribeyrolles ficou tão encantado com a fazenda, que disse ao vê-la ter -se lembrado das Tulherias, palácio dos reis franceses.

Secretário, que termina em uma queda d'água de mais de 10 metros de altura. No jardim principal, há belas estátuas de ferro fundido do Vale d'Osne, na França, feitas pela fundição Barbezat & Co. No interior do solar, há uma escadaria de madeira de lei, importada da Europa, salão de baile, escritórios, biblioteca, sala de jantar e sala de banquete. Na fazenda também há uma capela e pinturas típicas de fazendas do Vale do Paraíba. A fazenda é tão bonita que já serviu de cenário para várias produções da TV Globo, como as minisséries “Os Maias” e “Os Quintos dos Infernos”. A atual proprietária, Martha Ribeiro de Britto, promove um belo trabalho de conservação dessa fazenda.

A fazenda Cachoeira Grande está ligada a história de Eufrásia pelo lado paterno de sua família: o lado Teixeira Leite. Francisco José Teixeira Leite (que ganharia o título de Barão de Vassouras) recebeu essa fazenda no dote de sua esposa, a prima Maria Esméria Leite Ribeiro. A propriedade é cortada pela Estrada da Polícia, que ele ajudou a abrir na companhia dos vários irmãos. Quando a esposa faleceu, em 1850, a fazenda tinha 250 mil pés de café e 147 escravos adultos. Com o tempo, Francisco trocou os pés de café pelo beneficiamento de alimentos, especialmente arroz. Utilizou a cachoeira que dá nome à fazenda para movimentar máquinas hidráulicas que beneficiavam o “Arroz de Ca-

choeira”.

Por muitos anos, a fazenda foi um centro produtor de cachaça e, atualmente, está restaurada graças aos esforços de seus novos donos, a família de Francesco Vergara Caffarelli, um industrial colecionador de arte.

Para visitar Cachoeira Grande é necessário agendar a visita previamente, por telefone ou e-mail. Para agendamento de visitas e informações, esses são os telefones: +55 (24) 2471-1264 / (24) 2491-1983 e (24) 8123-1866. E-mail: [contato@fazendacachoeiragrande.com.br](mailto:contato@fazendacachoeiragrande.com.br) A fazenda fica na Rodovia RJ 127, Km 43, CEP 27700-000.



## OBSERVAÇÕES FINAIS

Ao final desse texto, podemos compreender a importância histórica e cultural do Museu Casa da Hera. Essa casa é um suporte de memória, um agente evocativo de lembranças amplas e variadas, relacionadas ao café, à escravidão, à política e às relações sociais e culturais do século XIX. Entrar em seus cômodos é chamar à mente a família Teixeira Leite; os escravos que plantaram, colheram e sustentaram a riqueza das elites do período; a luta pela abolição com Nabuco e todos aqueles que ao seu lado lutaram. Ao ouvir o nome de Eufrásia, podemos lembrar a vida feminina no século XIX, as dificuldades e renúncias daquelas que – assim como tantos outros – foram negligenciadas pela História; a moda feminina do século XIX e seus costureiros consagrados; a liberdade e a audácia dessa mulher que surpreendeu seu tempo.

Passear pelos jardins dessa chácara, fechar os olhos e deixar a brisa das árvores refrescar o rosto é deixar-se invadir pela História. Não deixe de transpassar a hera que guarda e reveste esse rico pedaço de história do Brasil: entre, visite, recomende e retorne outras vezes ao Museu Casa da Hera.



Reprodução fotográfica de Horst Merhel / MUSEUS CASTRO MAYA – IBRAM/MINC

AQUARELA DE DEBRET, “Carregadores de café a caminho da cidade”. Antes da construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, que só chegou ao Vale do Paraíba fluminense em 1864, o café do interior da província era carregado até o porto do Rio de Janeiro pelos escravos e por mulas. Nesta aquarela de 1826, o pintor francês Jean-Baptiste Debret representou a tarefa hercúlea dos escravos transportando sacas de café por quilômetros de estradas.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

CATHARINO, Ernesto José Coelho Rodrigues. *Eufrásia Teixeira Leite, fragmentos de uma existência*. Edição do autor, 1992.

CORREIA, Marcos Sá. “Órfãos de Eufrásia: a história do meteorito de ouro puro que caiu em Vassouras e a cidade não sabe onde foi parar”. In: *Revista Piauí*, no 19, abril de 2008.

D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa” In: PRIORE, Mary del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2010.

FALCI, Miridam Britto Knox. “Famílias de elite no Vale do Paraíba.”

FESTIVAL VALE DO CAFÉ: [www.festivalvaledocafe.com](http://www.festivalvaledocafe.com)

GONÇALVES, Ely. *Museu Casa da Hera*, IPHAN, 6a CR, s/d.

INSTITUTO CIDADE VIVA, Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?cat=3>

INSTITUTO PRESERVALE: <http://www.preservale.com.br/>

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2008.

MACKENZIE, Mairi. *–ismos: para entender a moda*. São Paulo, Editora Globo, 2010.

MELO, Hildete Pereira; FALCI, Miridam Britto Knox. “Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite, uma análise de gênero”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, no 29, 2002.

\_\_. “Eufrásia e Nabuco: uma história de desencontros amorosos”. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, n. 423, 2004.

\_\_. “Eufrásia Teixeira Leite: o destino de uma herança.” Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2003. <http://pt.scribd.com/doc/56245079/Eufrasia-Teixeira-Leite>

MELO, Hildete Pereira; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. “A partilha da riqueza na ordem patriarcal.” Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia, Associação Nacional dos Centros de Pósgraduação em Economia, ANPEC, 2001.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de La. *A moda do século XX*. São Pau-

lo, Martins Fontes, 2009. (Coleção Mundo da Arte).

MOTTA, Márcia. *Nas fronteiras do poder: conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Niterói, EDUFF, 2008. Coleção Terra.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo, Martin Claret, 2005.

VISITE VASSOURAS: <http://visitevassouras.com.br/comocheGAR/>

XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, estudos da moda, 2009.

Essa publicação foi impressa no formato 140 x 140 mm, em papel Offset 120 gr, capa em papel DuoDesign 230 gr, impresso a 4/0 cores. O acabamento é dobrado, alceado, capeamento brochura colado PUR, BOPP fosco na capa, refilado. A tiragem é de 1.000 exemplares.

Endereço

Rua Doutor Fernandes Júnior, 160

Centro

Vassouras - RJ

Horários

Terça a sexta: 10h às 17h.

Sábados, domingos e feriados: 13h às 17h

Telefone

(24) 2471-2961

[www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)

[casadahera@museus.gov.br](mailto:casadahera@museus.gov.br)



Ministério da  
Cultura

